

NASCENTE

Órgão de Divulgação da Congregação Mekor Haim

EDUCAÇÃO
Semear e
Construir

DINHEIRO
EM XEQUE
Bilhete
Premiado

DE CRIANÇA
PARA CRIANÇA
Heroísmo

AS SINAGOGAS DE BUDAPESTE

Vem pro Sacolão

Aqui a época
da sua fruta
favorita dura
o ano inteiro!

EXIJA O SELO DE SUPERVISÃO RABÍNICA E FAÇA VERIFICAÇÃO DE TOLAIM



RUA DONA VERIDIANA, 158/162
HIGIENÓPOLIS ☎ 3331-4672

HORÁRIO DE ATENDIMENTO:
SEGUNDA À SÁBADO: das 7h às 21h.
DOMINGOS E FERIADOS: das 8h às 20h.



Bem - estar para a sua família



Como merecer proteção Divina:

Em momentos de **alegria**, em momentos de **tristeza**,
antes de uma **viagem**, por uma **salvação** ou **cura**.

Envie seu nome aos *Guedolê Yisrael* para uma *berachá* e para que seja lembrado nos locais sagrados por tudo o que você precisa!



0800-891-6701

Ou doe diretamente: www.kupat.org





Nº 170

Capa:

Sinagogas de Budapeste. Sinagogas, pág. 30.

EDUCAÇÃO
Semear e Construir
DINHEIRO
EM XEQUE
Bilhete Premiado
DE CRIANÇA
PARA CRIANÇA
Heroísmo

AS SINAGOGAS DE BUDAPESTE

Expediente

A revista Nascente é um órgão bimestral de divulgação da Congregação Mekor Haim.

Rua São Vicente de Paulo, 276
CEP 01229-010 - São Paulo - SP
Tel.: 11 3822-1416 / 3660-0400

Fax: 11 3660-0404

e-mail: revista_nascente@hotmail.com

SUPERVISÃO: Rabino Isaac Dichi

DIRETOR DE REDAÇÃO: Saul Menaged

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:
Ivo e Geni Koschland

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Equipe Nascente

EDITORA: Maguen Avraham

TIRAGEM: 10.000 exemplares

O conteúdo dos anúncios e os conceitos emitidos nos artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da diretoria da Congregação Mekor Haim ou de seus associados.

Os produtos e estabelecimentos casher anunciados não são de responsabilidade da Revista Nascente. Cabe aos leitores indagar sobre a supervisão rabínica.

A Nascente contém termos sagrados. Por favor, trate-a com respeito.

Páginas que necessitam de Guenizá estão assinaladas.

NASCENTE

Nesta Edição



30

Sinagogas
"Sinagogas de Budapeste".



55

De Criança Para Criança
"Heroísmo".



11

Variedades I
"O Filho do Professor".
Chayim Walder

27

Leis e Costumes II
"Pão Mezonot".
R. I. Dichi

49

Passatempos
"Pega Palavras e Jogo dos 7 Erros".

36

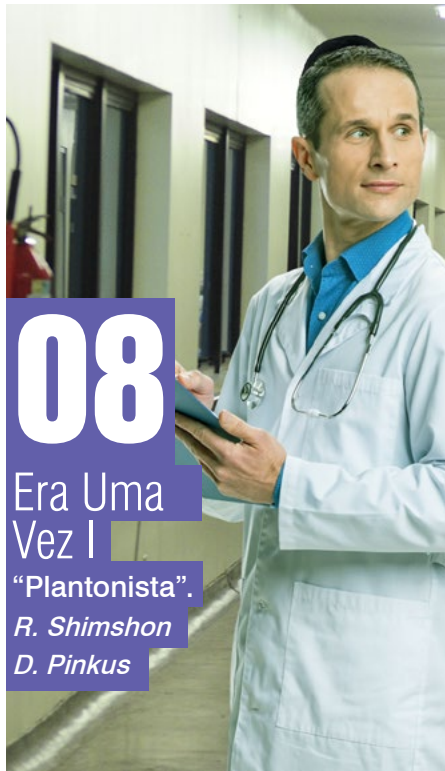
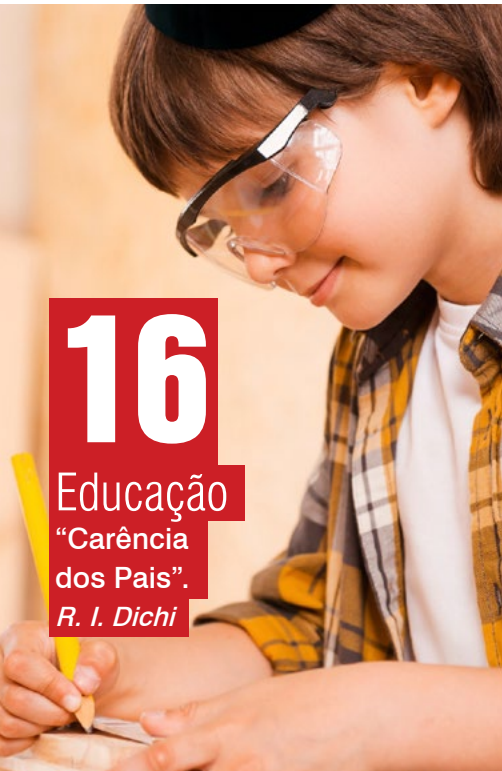
Pensando Bem II
"Pensamentos".

46

Visão Judaica I
"O Farol".
R. Yochanan D. Salomon

10

Leis e Costumes I
"Comia Frutas e Serviram-lhe Mais".
R. I. Dichi



16

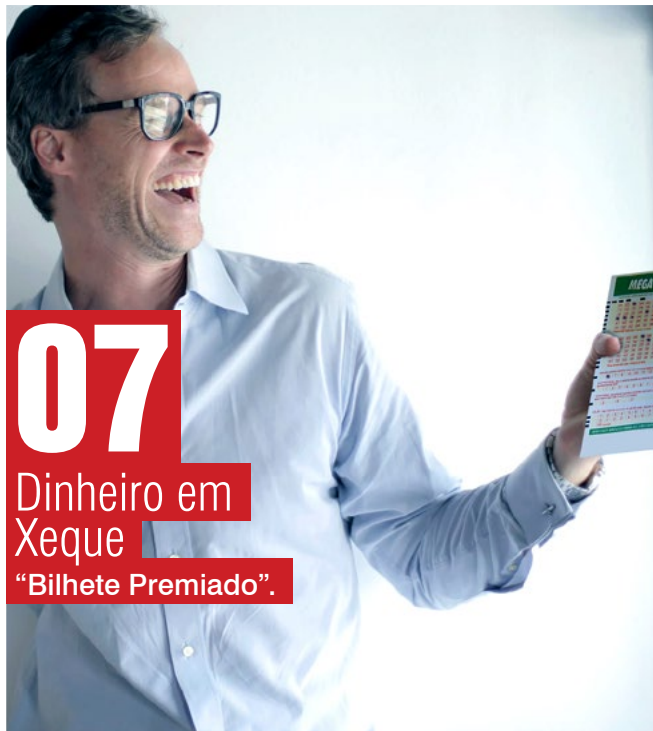
Educação
"Carência dos Pais".
R. I. Dichi

08

Era Uma Vez I
"Plantonista".
*R. Shimshon
D. Pinkus*

43

Truques e Dicas
"Frutas".



07

Dinheiro em Xeque
"Bilhete Premiado".

24

Era Uma Vez II
"Apenas Encenações".

37

Livros do Povo do Livro
"Michtav Meeliyáhu - Em Busca da Verdade".
R. Eliyáhu E. Desler zt"l

34

Leis e Costumes III
"O Mês de Elul".
R. I. Dichi

22

Visão Judaica I
"Roupas Limpas".
R. I. Dichi

51

Datas e Dados
"Datas e horários judaicos, parashiyot e haftarat para os meses de Av e Elul".

20

Variedades II
"Comemorando 'com' a Noiva".

28

Quem Sabe Responde
"Um Desafio à Sua Sabedoria".

25

Pensando Bem I
"Quem Está Vendo".

A vida não é uma loteria. Toda pessoa que verdadeiramente acredita em D'us não deveria se preocupar com "casualidades". Imagine afirmações como: "Que azar! Preenchi o volante premiado da loteria e esqueci de registrá-lo." Ou: "Que sorte a dele! Perdeu o vôo e aconteceu um desastre com o avião!" Seria tolo imaginar que estes eventos são meras coincidências!

A *Guemará* explica que mesmo as mais simples ocorrências em nosso cotidiano devem ser encaradas como a vontade de D'us. Todas elas devem ser analisadas para tirar-se alguma lição. Até o simples fato, diz a *Guemará*, de colocar a mão no bolso buscando três moedas e só retirar duas já é motivo para uma meditação sobre o incidente.

Assim, todos os eventos seguem a vontade do Criador. Cabe a nós procurar concluir a mensagem apropriada em cada acontecimento.

O fato de acontecer apenas o que D'us quer que ocorra não significa que "o destino está traçado", ou que não temos opção de conduta. Significa, isto sim, que para cada indivíduo, devido ao seu procedimento e qualidades, existe uma resposta diferente de D'us para o seu próprio bem. E tudo o que D'us faz é para o bem!

É por isso que nós judeus repetimos frequentemente a frase "*gam zu letová*" – isso também é para o bem – mesmo quando não compreendemos os caminhos de D'us. Da mesma forma, mesmo nos momentos mais

tristes de nossas vidas, quando perdemos um ente querido, ainda assim abençoamos o Todo-Poderoso, dizendo "*baruch dayan haemet*" – bendito é Aquele que julga nos caminhos da Verdade.

Conta-se que, logo após a morte do *Maguid* de Mezritch, começaram a surgir cruéis decretos contra os judeus na Rússia. Muitos de seus discípulos fizeram orações pedindo que o sábio intercedesse no Julgamento Celestial e alterasse o rumo dos acontecimentos, assim como fazia quando era vivo.

Então o *Maguid* apareceu em um sonho a um de seus discípulos e disse:

"Você deve saber que D'us nunca faz o mal. No entanto, existem coisas que a percepção humana interpreta como más, embora elas sejam fundamentalmente boas. Isso é muito semelhante ao que ocorre quando um leigo assiste a uma cirurgia. Como nada sabe a respeito de doença e cura, ele pode pensar que cortar um ser humano é o máximo em tortura e crueldade, ou que o tratamento não está dando certo. Já alguém que entende do assunto percebe que o cirurgião está fazendo algo essencial à sobrevivência da pessoa."

"Quando eu vivia na Terra", continuou dizendo o sábio, "e com os meus olhos humanos via um dado decreto como sendo cruel, eu rezava a D'us para anulá-lo. Agora que eu estou em um mundo mais elevado, onde me é permitido ver o Bem Supremo em tudo, eu não posso interceder para revogar algo que é bom. Se vocês na Terra consideram-no cruel, então vocês é que devem rezar pela sua revogação." ■

Bilhete Premiado

Todas as dúvidas e divergências monetárias de nossos dias podem ser encontradas em nossos livros sagrados!

A loteria estava acumulada em 50 milhões!

Efráyim, que apostava toda semana, teve uma grande ideia. Ele tinha um amigo chamado Reuven, que era muito religioso. Efráyim propôs o seguinte para Reuven:

– Por favor, reze fervorosamente para que meu bilhete seja premiado. Em troca desse favor, se minha aposta for sorteada, darei para você 10% do valor que eu ganhar.

Reuven aceitou a proposta e, no mesmo dia, começou a rezar pelo sucesso do amigo.

Alguns dias depois, foi anunciado o resultado do sorteio. Dez pessoas acertaram os números sorteados e dividiriam o prêmio de 50 milhões. Um dos felizardos ganhadores era... Efráyim!

Efráyim embolsou 5 milhões! Uma grande bolada!

No entanto, o agora milionário Efráyim se recusa a dar os 10% do seu prêmio para Reuven. Ele alega que o combinado seria dar 10% se ganhasse o prêmio sozinho. Se ele ganhasse 50 milhões, daria 5 milhões para Reuven. Como o prêmio já foi repartido entre 10 ganhadores, ele não devia

nada para Reuven. Como prova disso, Efráyim alega que toda semana quando ele joga, o prêmio gira em torno de 5 milhões. E que ele nunca pediu para seu amigo rezar por ele. Por uma quantia “tão baixa”, ele não estaria disposto a ceder 10%.

Reuven, por sua vez, diz que Efráyim está obrigado a pagar os 10% do prêmio que recebeu. Ele alega que o combinado foi ele rezar para seu amigo ganhar – independente do número de acertadores. E ele cumpriu com sua parte, rezando fervorosamente pelo seu sucesso.

Com quem está a razão?

O veredito

O *Rav* Zilberstein mostrou este caso para o *Gaon Hagadol Rav* Yossef Shalom Elyashiv *Shelita*, que lhe respondeu o seguinte:

É óbvio que, se Efráyim soubesse que por meio da reza de seu amigo religioso ganharia um milhão, também concordaria em dar-lhe os 10%.

Com relação à alegação de Efráyim, segundo a qual por 5 milhões não teria pedido para Reuven rezar por ele, argumentando que toda semana o prêmio é desse valor e ele

never pediu para Reuven rezar, isso é mentira.

Se Reuven continuar insistindo em sua versão, que jure no *bêt din* – num tribunal religioso – que é verdade o que está dizendo. Se não jurar, não acreditamos no que disse. Não acreditamos que por 5 milhões não estaria disposto a dar 10% para Reuven.

A verdadeira razão pela qual Efráyim nunca havia pedido para que Reuven rezasse por ele, é porque ainda não havia passado esta ideia em sua cabeça. Agora que o valor do prêmio era imenso, ele pensou nisso.

Sendo assim, Efráyim está obrigado a dar 10% do que ganhou para Reuven.

Do semanário “Guefilte-mail”
(guefiltemail@gmail.com).

Traduzido de aula ministrada pelo Rav Hagaon Yitschac Zilberstein Shelita
Os esclarecimentos dos casos estudados no Shulechan Aruch Chôshen Mishpat são facilmente mal-entendidos. Qualquer detalhe omitido ou acrescentado pode alterar a sentença para o outro extremo. Estas respostas não devem ser utilizadas na prática sem o parecer de um rabino com grande experiência no assunto.



Plantonista

O rapaz era recém-formado em medicina. Estava em seu primeiro emprego como médico e já lhe deram uma função da maior responsabilidade. Naquela noite ele deveria ficar sozinho em plantão na U.T.I.

Em todos os leitos havia um relatório pendurado, no qual constava o estado do paciente e os cuidados que necessitava.

– Eu confio em você! – disse-lhe o seu chefe. – Também gosto de você. Sei que será capaz de tomar as decisões corretas e cuidar de todos os pacientes da melhor forma. Leia com atenção todos os relatórios e realize os procedimentos solicitados nos horários indicados. Caso você não estiver dando conta do serviço, solicite ajuda pelo telefone que está em cima da mesa. Amanhã eu o chamarei em meu escritório para ouvir como você se saiu neste plantão.

O jovem ficou orgulhoso por contar com a

confiança do chefe, mas também ficou temeroso, pela responsabilidade que estava assumindo.

Mal o chefe saiu da U.T.I. e o jovem partiu em direção aos relatórios. As instruções pareciam relativamente simples e ele começou a realizar os procedimentos médicos indicados para cada paciente.

Em poucos minutos surgiu a primeira complicação com um dos pacientes. Nada que ele não conseguisse resolver facilmente. Mais alguns minutos e outro pequeno susto. Nova-

mente tudo sob controle.

Quando parecia que a situação na U.T.I. ia se acalmar, mais dois aparelhos de controle dispararam, indicando problemas de coração e pulmão em dois outros pacientes.

O pobre rapaz começou a correr de um leito para o outro, solucionando uma séria de complicações – algumas simples, outras não – e administrando os medicamentos nos horários exatos para cada paciente.

Havia momentos em que o plantonista desempenhava ao mesmo tempo a função de três médicos. Não houve descanso. Foram oito horas de trabalho constante que o sobrecarregou física e psicologicamente. Ele estava exausto.

Nos últimos minutos do plantão, quando dois pacientes já tratados tiveram uma decaída abrupta, o jovem fez de tudo para estabilizar a situação mas, infelizmente, um deles não conseguiu reagir e faleceu em poucos instantes.

No dia seguinte, o chefe do plantonista chamou-o em seu escritório. Ele já sabia de todo o ocorrido, mas pediu para que o jovem explicasse tudo o que acontecera durante a noite.

O rapaz relatou em detalhes todos os problemas que enfrentara e como solucionara cada um deles. Afirmou que tentara seguir todas as

instruções dos relatórios e os seus conhecimentos de medicina da melhor maneira possível. Finalmente, contou sobre o acidente ocorrido no final do plantão.

Depois de ouvir tudo atentamente, o chefe meneou a cabeça lentamente e afirmou com ar de tristeza:

– Querido filho, você sabe que eu confiei em você e por isso lhe conferi esta função de extrema responsabilidade... Agora, sinto muito em lhe comunicar que você será julgado sob a acusação de negligência.

– Negligente, eu! – exclamou o rapaz incrédulo. – Deve estar havendo um grande equívoco... Eu não parei um segundo naquele plantão! Corri de um lado para o outro utilizando até a última gota de minhas energias. Como eu posso ser acusado de negligência?!

– Pois você está certo – afirmou o chefe com seriedade. – Você se dedicou ao máximo e tomou as melhores resoluções... exceto uma. Você foi avisado que caso não estivesse dando conta do serviço, deveria solicitar ajuda pelo telefone. Com isso você seria poupado de uma série de sacrifícios e o último acidente não ocorreria.

* * *

Algo análogo acontece em nossas vidas aqui na Terra.

Nosso “Chefe” nos confia funções de extrema responsabilidade. Nós precisamos desempenhá-las da melhor maneira, com a melhor das intenções.

Devemos estudar a *Torá*, praticar as *mitsvot* e seguir os conselhos de nossos sábios para refinar nossas características.

Mas nossa boa intenção e nossos esforços não são uma garantia de que obteremos sucesso. Isso porque existe o *yétser hará* – o mau instinto – constantemente criando obstáculos ao nosso sucesso. Devemos fazer o máximo para combatê-lo.

Mas o *yétser hará* é mais poderoso do que nós e sem a ajuda de D’us não conseguimos vencê-lo. Este é um conceito muito importante a ser assimilado.

Sendo assim, D’us disponibilizou para cada um de nós uma “linha direta” para solicitarmos Sua ajuda. Por meio das nossas orações, podemos pedir a D’us todo o tipo de ajuda para alcançarmos o sucesso em nossas tarefas. Assim, evitamos uma série de sofrimentos desnecessários e temos chance de vencer o *yétser hará*.

Sem utilizar o “recurso” das orações, por mais esforços que desempenhemos, ainda poderemos ser acusados de negligentes.

Adaptado do Rav Shimshon

D. Pinkus

AUTO CADIMA
MULTIMARCAS

VW FIAT STYVA Chevrolet Toyota Honda Mercedes

Rahmo Dayan e Edy Dayan

Seu carro está aqui!
3333-1333

As Melhores Ofertas em “OKm” com garantia oficial de fábrica

Novo Endereço

Al. Barão de Limeira, 526 • autocadima@gmail.com
94642-8881 • Telefax: 3333-1322

Jovem Universitário Brasileiro

Aplique pelo site:
www.weducate.com.br

Você é dedicado e comprometido com seus estudos?
As bolsas de estudos do WEducate para cursinhos e faculdades são para você!

WEducate
create your future

MUITO MAIS QUE UM **coworking.**

Endereço Fiscal
Salas privadas
Espaços compartilhados
Sala multimídia

CERTIFICAÇÃO MEDIDAS SEGURAS CONTRA A COVID-19

94905-5845
bsr coworking
Av. Angélica, 321
www.bsrcoworking.com.br

* Reza de Minchá no prédio às 12h50 c/frequência

Comia Frutas e Serviram-lhe Mais

Rabino I. Dichi

Serviram-lhe frutas do mesmo tipo ou de outro tipo

1. a) Quando um indivíduo estiver sentado comendo frutas e trouxeram-lhe mais frutas, tanto do mesmo tipo que está comendo como de outro tipo – contanto que a berachá seja a mesma – e ele ainda não terminou de comer as primeiras frutas, não será necessário fazer a berachá anterior outra vez.

b) Se já tiver terminado de comer as primeiras frutas e trouxeram-lhe mais frutas do mesmo tipo que estivera comendo (por exemplo: comia maçãs e trouxeram-lhe mais maçãs), também não será necessário recitar a berachá novamente sobre as que lhe forem trazidas agora.

c) Se ao terminar de comer as primeiras frutas, servirem-lhe outro tipo de frutas, porém de mesma berachá, os sefaradim não recitarão novamente a berachá.

Entretanto, os ashkenazim deverão recitar novamente a berachá sobre as servidas agora, por serem estas frutas de outra espécie.

d) Caso tenha sentado para comer frutas de forma cavua (ou seja, demonstrando assim uma clara intenção de se alimentar de frutas) mesmo que lhe trouxeram frutas de outra espécie, porém cuja berachá anterior seja igual a das frutas anteriores, não será necessário recitar a berachá novamente.

2. Quando alguém se sentar para comer é correto, ao recitar a berachá, ter em mente incluir todos os alimentos que porventura lhe sejam servidos e sobre os quais se recita a mesma berachá.

Frutas pertencentes às cinco espécies e frutas que aprecia mais

3. De qualquer forma, se as frutas que lhe forem servidas posteriormente, pertencerem às cinco espécies sobre as quais Êrets Yisrael é louvada – azeitona, tâmara, uva, figo, romã – deverá recitar novamente a berachá mesmo que não tenha terminado as outras e mesmo que são de árvore como as outras, caso não tinha em mente incluí-las. A mesma halachá se aplica se o indivíduo aprecia mais a fruta que lhe trouxeram posteriormente, mesmo que não seja das cinco espécies; deverá recitar novamente a bênção.

4. Nestes dois casos – por se tratar de frutas que pertencem às cinco espécies ou de uma fruta que ele aprecia mais – mesmo se elas estiverem perante ele e mesmo que ele tenha feito berachá sobre alguma outra fruta, que tem a mesma berachá – no momento em que proferiu a berachá era necessário ter a intenção de incluí-las.

Uma fruta que aprecia mais do que uma das cinco frutas

5. Se o indivíduo estava comendo uma fruta que ele aprecia mais do que uma das cinco frutas sobre as quais Êrets Yisrael é louvada e posteriormente esta fruta pertencente às cinco espécies lhe for servida, deverá obedecer às leis conforme citadas no parágrafo 1.

Se o indivíduo estava comendo uma das cinco frutas sobre as quais Êrets Yisrael é louvada e posteriormente lhe trouxeram uma fruta que ele aprecia

mais, deverá obedecer às leis conforme citadas no parágrafo um.

Hóspedes

6. As leis citadas nos parágrafos 1 a 5 referem-se a quando o indivíduo estiver em sua casa. Porém, na condição de hóspede, após recitar determinada berachá, tudo o que lhe for servido posteriormente – que tenha a mesma berachá – estará incluído nela. Isso porque o hóspede depende do dono da casa, e mesmo que não tenha em mente os demais alimentos que porventura lhe sejam servidos, não terá de recitar a berachá novamente.

Se a fruta cair da mão

7. Se o indivíduo tiver uma fruta na mão, recitar a bênção correspondente e a fruta cair de sua mão a ponto de não ser mais (totalmente) apropriada ao consumo, e o indivíduo não pretendia comer outras frutas da mesma espécie, ao comer outra fruta deverá recitar novamente a berachá.

Porém, se parte da fruta caída ainda é aproveitável, o indivíduo deverá comer a parte aproveitável mesmo que seja um pedaço pequeno, para que sua berachá não seja levatalá (à toa, sem razão de ser).

E se perante ele há outras frutas, mesmo que não tenha pensado em ingeri-las de uma forma específica, poderá comer delas, não recitando de novo a berachá.

**do livro “Veten Berachá”
de autoria do Rabino Isaac Dichi**



O Filho do Professor

O professor Shimon estava em uma encruzilhada. Por algum motivo muito forte não queria ser o mestre de seu próprio filho. Shimon escondera os sinais do sofrimento que suportara durante um ano e que deixaram marcas em sua vida para sempre. Mas chegou o dia em que precisou revelá-lo. Com um final surpreendente, “O Filho do Professor” é uma história envolvente e emocionante. Uma lição sobre o comportamento social infantil e suas perigosas consequências.

Chayim Walder

O professor Shimon estava em uma encruzilhada. Por algum motivo muito forte não queria ser o mestre de seu próprio filho. Shimon escondera os sinais do sofrimento que suportara durante um ano e que deixaram marcas em sua vida para sempre. Mas chegou o dia em que precisou revelá-lo.

Com um final surpreendente, “O Filho do Professor” é uma história envolvente e emocionante. Uma lição sobre o comportamento social infantil e suas perigosas consequências.

Nos últimos dias do ano letivo, o diretor informou ao professor Rav Shimon que, no ano seguinte, ele deveria continuar a lecionar na quinta série.

Já há um ano que Rav Shimon vinha pedindo que o colocassem numa classe acima ou abaixo da quinta série. Seu filho primogênito, Elchanan, entraria na quinta série no ano seguinte e Rav Shimon não queria ser o professor de seu próprio filho. Apesar de tudo, suas súplicas não foram ouvidas.

Depois da notícia, Rav Shimon foi conversar com seu pai, o famoso educador aposentado Rav Moshê Flam:

– Terei que abandonar a área de educação durante um ano – disse Rav Shimon ao seu pai.

– Só porque não satisfizeram o pedido de Vossa Majestade? – perguntou o velho pai. – Essa sua teimosia é muito estranha. Será que você não estudou na minha classe? E eu não estudei na classe de meu pai?

– Talvez seja exatamente este o motivo da minha recusa... – respondeu Rav Shimon. – O fato de eu ter estudado com o senhor na sexta série.

– Você está tentando ofender seu velho pai?

– Estou tentando dizer a verdade.

Não quero que meu filho sinta o que eu senti.

– Por quê? Você sofreu comigo?

Silêncio.

Rav Moshê ficou tenso.

– Responda-me. Será que o feri de alguma forma?

Silêncio.

– Bem, ótimo – disse Rav Moshê. – Fico feliz em saber que, dos milhares de alunos para quem lecionei, existe um que sofreu nas minhas mãos. E por acaso é meu filho único. Será muito agradável viver meus últimos anos com essa informação.

– Por favor, papai, não fale assim. O... o... o senhor não tem culpa do meu sofrimento.

* * *

O ano letivo começou. O professor Shimon entrou na classe, apesar de suas ameaças. A primeira coisa que constatou ao entrar foi seu filho, Elchanan, brigando com um colega pelo banco da frente.

– Eu peguei! – gritou Elchanan.

– Mentira! – berrou o outro.

– Você só chegou agora! – retrucou o filho do professor. – Eu cheguei há 15 minutos.

– E daí? Yossefson chegou antes de nós e guardou o lugar para mim!

– Já basta! – disse o professor. – Elchanan, sente-se em outro banco.

Elchanan olhou para ele, fitando seus olhos. Rav Shimon sabia exatamente o que passava em sua cabeça. Se ele fosse somente seu professor, Elchanan gritaria pela injustiça, mas sendo também seu pai, foi procurar outro banco.

Depois de ter sido rejeitado e empurrado de todas as mesas, Elchanan acabou sentando-se no último banco. Apesar da distância, seu pai não deixou de notar o olhar que lhe foi dirigi-

do. Um olhar onde dor e acusação se misturavam.

Tudo isso aconteceu já nos primeiros cinco minutos do ano letivo.

No primeiro intervalo, como previsto, ouviu-se a primeira acusação de que “o professor Shimon protege seu próprio filho”.

– Sheinberg arrastou sua mesa e o professor Shimon ralhou com ele – resmungou um dos meninos – mas para seu filhinho Elchanan Flam, que também arrastou sua carteira, ele não disse nada!

No intervalo seguinte, Elchanan voltou com a camisa rasgada, machucado e arranhado. Junto com ele apareceram dois de seus colegas, cada qual ostentando um enorme galo na cabeça. Os dois foram diretamente ao professor, reclamando que Elchanan, muito gentilmente, os presenteara com aqueles galos.

Elchanan realmente os machucara. Os dois garotos tinham imitado seu pai e ainda o apelidaram de forma vergonhosa. Elchanan pedira algumas vezes para que parassem. Como não foi atendido, reagiu violentamente.

– É verdade que você bateu neles? – perguntou o professor Shimon ao seu filho.

– Sim, é verdade.

– E por que fez isso?

– Porque... – um silêncio tenso tomou conta da classe. – Porque... eles me deixaram nervoso...

– E se o deixaram nervoso, isso é motivo para bater?

Elchanan não respondeu e foi mandado para fora da classe.

O professor Shimon não deu atenção aos cochichos que correram pela classe. Ninguém entendeu por que Elchanan não revelara o motivo da briga. Ele poderia ter salvado sua pele.

Nos dias que se seguiram, Elcha-



nan, que sempre fora um garoto delicado e calmo, tornou-se um dos meninos mais perturbados e alterados que já passara pela escola.

O professor Shimon, por seu lado, não deixava de cumprir seu dever. Ele castigava Elchanan de forma consistente em toda briga que estivesse envolvido. Raramente castigava também os outros participantes.

Os garotos esperavam que Elchanan contasse ao seu pai que os meninos o imitavam e o apelidavam com nomes desagradáveis pelas costas. Ele compreenderia seu filho e pelo menos não o castigaria. Mas Elchanan não fazia isso. Era castigado e sofria em silêncio.

Reuven e Binyamin, dois grandalhões da classe, aproveitavam-se da situação: sempre que podiam, provocavam Elchanan gozando do seu pai, pois sabiam que não seriam castigados.

Certa vez, o professor Shimon perdeu a paciência. Depois de uma briga

particularmente violenta, ele se levantou e, perante toda a classe, gritou com seu filho:

– Você acha que continuarei a aguentá-lo aqui? Seu selvagem! Onde estão suas boas virtudes? No que você está se tornando? Saia daqui e não volte mais!

Elchanan saiu da classe, curvo e alquebrado. Todos os meninos começaram a cochichar. Eles sentiram algo muito desagradável.

Durante o intervalo, Shaul, um dos melhores alunos da classe, foi até a sala dos professores falar com o professor Shimon.

– Professor... Elchanan não tem culpa, ele...

– Ele o quê?... Ele não bateu no Reuven e no Binyamin?

– Bateu, mas...

– Mas eu não quero ouvir nada. Comigo não haverão tapas.

– Mas, professor...

– Nenhum “mas”. Nem quero ouvir!

Shaul retornou à classe. Juntou alguns amigos e disse:

– Ouçam, temos que parar com isso. Elchanan está sofrendo tanto nas mãos de Binyamin e Reuven quanto nas mãos de seu pai. Isso não é justo.

– Problema dele – opôs-se um dos garotos. – Por que ele bate em Binyamin e em Reuven?

Todos os meninos mandaram-no ficar quieto.

– Diga, você permaneceria em silêncio se ofendessem assim o seu pai? – perguntou um deles.

O menino ficou quieto.

– Na verdade – disse Shaul – eu, se estivesse no lugar de Elchanan, delataria todos eles ao meu pai. Não tenho vergonha de lhes dizer isso. Todos temos que bater continência ao Elchanan, que sofre desse jeito e não delata seus colegas de classe.

Afinal, os garotos chegaram a uma resolução. Já que Elchanan estava sofrendo tanto e não se ajudava, e já que seu pai nem ao menos queria ouvir a verdadeira história, eles se dirigiram ao avô, *Rav Moshê*, e contariam tudo.

E assim foi. *Rav Moshê* recebeu os meninos cordialmente e ouviu a triste história.

Logo depois que as crianças deixaram sua casa, *Rav Moshê* chamou seu filho com urgência. *Rav Shimon* chegou, juntamente com seu filho. O avô pediu para que o neto saísse da sala e logo começou a atacar seu filho:

– Há quantos anos você já é educador? – perguntou *Rav Moshê*.

– Há dezoito anos.

– Muito me admira saber que um cego pode servir de professor por dezoito anos! Acaso você imagina o quanto seu filho Elchanan está sofrendo?

– Sei que ele poderia sofrer muito mais – disse *Rav Shimon*. – Faço tudo o que posso para atenuar seu sofrimento.

– Bem, agora não há dúvidas; meu filho é cego como um morcego! – disse o avô.

– Seu filho briga com seus colegas diariamente, ouve ofensas, leva tapas... e você, em vez de protegê-lo, ofende-o mais e ainda o castiga?

– De fato, sim – consentiu *Rav Shimon* em voz baixa.

– Então qual é a atenuação do sofrimento? – perguntou *Rav Moshê*.

Rav Shimon permaneceu calado.

– E se eu lhe disser que o comportamento agressivo de *Elchanan* origina-se da vontade de proteger a honra de seu pai? – questionou o avô. – As crianças apelidam você pelas costas de uma série de coisas horríveis, e seu menino – a voz de *Rav Moshê* se quebrou – o seu maravilhoso menino luta com seus colegas pela honra de seu pai. Ainda assim, em vez de receber dele apoio, ganha flechadas e castigos em meio ao riso dos colegas! O que você me diz disso?

– Digo que sei muito bem o que estou fazendo.

– Como? Você quer dizer que sabia de tudo isso?

– Quero dizer que planejei tudo.

– Você... você... será que você enlouqueceu?

Talvez seja melhor que você fale com o próprio *Elchanan* – sugeriu *Rav Shimon*, chamando seu filho para dentro. *Rav Shimon* saiu, deixando avô e neto a sós.

– *Elchanan*, você está sofrendo na escola? – perguntou o avô.

Elchanan consentiu.

– Você tem raiva... da forma como seu pai trata do seu caso?

– Não, claro que não! – respondeu *Elchanan* categórico. – Quero que ele continue a gritar comigo e a castigar-me.

Rav Moshê olhou para o menino com um misto de espanto e descon-

fiança.

– Você faz isso em nome da honra do seu pai?

– Eu faço isso porque assim combinamos, eu e meu pai, alguns dias antes do início do ano letivo...

– O quê?! Seu pai sabe o motivo de suas brigas?

– Claro. Foi ele que me alertou sobre o que me esperaria quando ele fosse o meu professor.

– A reação dele também foi planejada?

– Sim, é tudo uma encenação. Mas somente nós dois sabemos disso. Todos acham que papai está bravo comigo de verdade, mas eu...

– Chame seu pai agora – interrompeu o avô.

Elchanan saiu e seu pai entrou.

– Você poderia me explicar o que exatamente está acontecendo?

– Claro, papai. Sabe por que eu me recusei a lecionar na classe onde meu filho estudaria? Porque no passado eu estudei com você, e aquele ano quase destruí minha alma. Carrego as cicatrizes até hoje.

– O que tanto o fez sofrer? Se não me falha a memória, você era um bom menino e recebia toda a minha proteção sempre que o machucavam.

– É esse exatamente o ponto, papai. Comecei aquele ano muito feliz, sem saber o que me esperava. Feliz por poder estudar com meu pai, do qual muito me orgulhava. Mas já no primeiro dia, fui duramente ferido pelos meus colegas. Eles o apelidaram de uma série de coisas, imitaram seus gestos e seu modo de falar. Isso me feriu mais do que qualquer outra coisa. Eles rebaixaram a figura sobre a qual se apoiavam minha personalidade e meu orgulho. Eles quebraram a parede que sustentava minha vida.

– No começo, eu lutava com eles –

continuou *Rav Shimon*. – Eu contava para você o que eles faziam e você se apressava em castigá-los. Se eu soubesse a que isso levaria, nunca lhe teria contado! Eles começaram a achar que o professor me protegia por ser seu filho. Isso agravou mais seu ódio contra mim e contra você. De repente, eu não era mais um dos alunos da classe. Eles me encaravam como um inimigo, um espião com o qual se devia tomar cuidado. Eles acreditavam que era preciso fazer de tudo para humilhar esse espião. Fui expulso da sociedade – tão cruel. Depois parei de lhe contar o que se passava, com receio que você os castigasse e que eu sofresse mais ainda com as represálias.

– Isso não é tudo – seguiu dizendo *Shimon* em tom ainda mais grave. – Sabe qual foi o pior ferimento de minha alma? Em determinado momento, para livrar-me do choque social, decidi juntar-me aos meus colegas, dar a eles a sensação de que eu também partilhava das críticas ao professor. Eles adoraram essa mudança. Finalmente tinham uma prova de que tudo o que diziam contra o professor era verdade – afinal, até seu próprio filho concordava! A vontade de fugir da pressão psicológica fez-me trair meu querido pai, rir dos apelidos que lhe davam, sentir uma dor dupla. Dor pela lesão da imagem mais sagrada e dor pela traição da pessoa mais amada. Odiava meus colegas, odiava o... o nome de minha família... o fato de estar ligado de alguma forma ao professor tão difamado. Odiava a mim mesmo e também... senti algo parecido por você, meu pai. Perdoe-me, eu era criança... A criança sente ódio àquele que lhe causa o mal, e meu coração acabou sentindo quem me fez mal, mesmo sem ter intenção.

Rav Moshê permaneceu calado,



pasmo com o que acabara de ouvir.

– Imagine por que processo psicológico passei! – disse *Rav Shimon* após alguns instantes. – Foi por isso que resolvi planejar com meu amado filho o difícil ano que teríamos de enfrentar.

– Mas gritando e castigando-o, você o ajuda? – questionou *Rav Moshê*.

– Sim. Não sou psicólogo, mas entendo a alma das crianças. Dizem que as crianças são cruéis. Mas a verdade é que elas possuem as mesmas qualidades que os adultos, com menos ponderação. Elas são dotadas de crueldade por um lado, e de compaixão por outro. De fidelidade e traição, coragem e medo. Além disso, elas possuem uma decência básica.

– Os garotos da classe de *Elchanan* depararam-se com um garoto que luta pela honra do seu pai. Apesar disso, perceberam que é uma pessoa que não os delata. Isso despertou neles espanto e admiração. Com seu consentimento, portei-me com ele de forma enérgica. Assim ele não é encarado

como um espião aliado do professor. Agora ele não precisa juntar-se aos seus colegas contra mim e sentir-se traído seu próprio pai. Seus colegas sabem que ele é um filho leal ao seu pai e, ao mesmo tempo, um aluno fiel aos seus colegas. À admiração somou-se a simpatia pela sua luta heróica e pelo fato de que ele não se aproveita do seu *status* para fazer-lhes mal. Aos poucos, eles passarão a admirá-lo.

– A decência que reside nos corações das crianças fará com que a maioria dos garotos parem de feri-lo para que ele não arrume encrenca com o professor... No final, será criada uma dinâmica social que esmagará os poucos que ainda tentam machucá-lo.

– Crianças não captam pequenas injustiças. Podem não perceber o sofrimento de um garoto que assiste à humilhação de seu pai, por isso achamos que elas são cruéis. Mas elas certamente captam, e não são capazes de aturar, uma injustiça gritante. A situação que se formou é de uma in-

justiça gritante. Foi por isso que eles vieram a você para reclamar de mim – pelo bem de seu colega injustiçado.

Rav Moshê fechou os olhos e balançou sua cabeça de um lado para o outro.

– Será que você sofreu tanto assim?

Rav Shimon consentiu com a cabeça. Seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Então o cego fui eu – sussurrou *Rav Moshê*. – Fui eu quem não percebeu o sofrimento do meu filho e o perigo para a alma do meu neto. Como colocamos nossas crianças em perigo sem saber...

De repente, *Elchanan* estava ao lado deles. Pelo jeito, ouvira aquelas últimas palavras de seu avô.

* * *

Passaram-se vinte e cinco anos.

Elchanan, filho de *Shimon* e neto de *Moshê*, está em sua classe no primeiro dia de aulas. Já é o décimo ano em que leciona, mas é o primeiro ano em que sente as pernas tremerem. Ele dirige o olhar para seu filho primogênito, *Moshê*, que tenta encontrar lugar entre o terceiro e o quarto banco.

– *Moshê*, será que toda a classe precisa esperar pelo senhor? Queira por gentileza sentar-se no último banco.

Os olhos dos colegas dirigiram-se, com espanto, ao “filho do professor”.

Moshê encaminhou-se, com visível má vontade, à mesa onde o nome de seu pai tinha sido gravado muitos anos atrás. Sentou em seu lugar e olhou para o pai, seu professor.

E ninguém, exceto ambos, percebeu o brilho travesso que passou pelos seus olhos.

Tradução de Guila Kosechland Wajnryt

**Permissão exclusiva
para a Nascente.**



Semear e
Construir

Carência dos Pais

É comum observarmos em muitas famílias que os pais procuram dar – ou impor – aos filhos aquilo que lhes faltou na infância.

Rabino I. Dichi

Muitos pais que foram carentes de determinados valores na infância, procuram oferecê-los insistentemente aos filhos. Fazem de tudo para que seus filhos não passem as mesmas necessidades que eles passaram.

Nesses casos, a intenção é certamente das melhores. No entanto, não se pode agir dessa forma sem uma análise minuciosa dos motivos e consequências das atitudes. O fato de que faltava algo para os pais na infância, ainda não significa que isso seja imprescindível para os filhos, ou mesmo adequado para eles.

Por exemplo, pais que cresceram em uma casa humilde, em uma família com poucos recursos. Muitos deles, vivendo outra situação como adultos, afirmam: “Para o meu filho nada pode faltar!” Isso é muito comum. Esses pais oferecem de tudo para satisfazer seus filhos. Coisas boas e agradáveis, com carinho, amor e preocupação. A criança recebe um mimo exagerado e pode chegar a cumprir, *chas vechalila*, o versículo (Devarim 32:15): “*Vayishman Yeshurun vayiv’at... vayitosh Eloah assáhu... – e engordou Yeshurun e deu coices... e abandonou a D’us que o fez...*”

Muitas vezes a abundância é exagerada e a criança não assimila a situação de forma positiva. Ela passa a não sentir responsabilidades, sentindo-se “dona do mundo”. Um dos motivos do exagero dos pais nesse sentido é a recordação de uma infância carente. Mas isso é um erro grave. O mimo exagerado pode ser extremamente prejudicial no desenvolvimento das pessoas.

Analisemos um outro exemplo comum de pais que querem de alguma forma remediar uma carência sua nos filhos: Um pai (ou mãe) que, por qualquer motivo, não atingiu o status que sempre almejou. Ele sempre imaginou, por exemplo, que seria um grande *talmid chacham*, um importante sábio, mas seu sonho não se realizou. Quando esse pai educa seu filho, é comum que ele pense: “Meu filho precisa ser um grande homem; conseguir aquilo que eu não consegui”. Coitado do filho!... Ele pode possuir uma tendência extraordinária para outra atividade e o pai não conseguirá perceber. Mesmo que o filho comece a obter sucesso em sua tendência natural, o pai tentará abafá-la, porque quer o filho como ele sonhou ser. O pai oprime o filho, dizendo: “Você precisa ter um status; aprender o que eu não aprendi e chegar onde eu não cheguei.” Essa criança não vai conseguir nem uma coisa nem outra. Por um lado, suas tendências naturais são sempre oprimidas e, por outro, ela não tem condições ou não quer atingir o que exige dela. Provavelmente ela nunca terá sucesso.

Todos esses objetivos educacionais que os pais têm como fantasia para seus filhos, não podem ser denominados de educação. Mais do que isso, são totalmente contra os conceitos básicos de educação.

“Meus” Filhos

“*Ki er’e shamecha maassê ets-beotecha yareach vechochavim asher conanta. Má enosh ki tizkerênu uven adam ki tifkedênu.* – Quando eu contemplo Teus céus, o trabalho de Teus dedos, a lua e as estrelas, que Tu assentaste no lugar... O que é o homem frágil, para que Tu o lembres e o que é o filho do homem mortal, para que Tu penhores a ele?” (Tehilim 8:4-5).

Quando David *Hamêlech* meditou sobre essas criações maravilhosas de D’us, ele se espantou, exclamando: “Quem é o ser humano, que *Hashem* Se lembra dele e outorga a ele inclusive uma tarefa, entregando em suas mãos um penhor? O penhor mais importante que *Hashem* entrega para o ser humano são seus filhos. Quando nasce uma criança, os pais devem sentir que o Todo-Poderoso teve confiança neles e entregou-lhes um grande tesouro para ser cuidado. *Hashem* dá um voto de confiança para os pais, deixando um penhor, uma criança, para que eles cuidem e ajudem no seu desenvolvimento.

Quando a pessoa afirma “eu tenho filhos”, quando diz “esse filho é meu”, fica implícita uma insinuação negativa. Os filhos não são, absolutamente, dos pais. São um penhor que D’us confiou aos pais para que cuidem bem deles. Estritamente, nem os bens materiais pertencem às pessoas para que façam qualquer coisa. Muito menos uma criança! Quando alguém nos pede para guardarmos um brilhante até o fim da tarde, por exemplo, devemos cuidar bem dele. Não podemos deixar que se estrague, que se suje, não podemos perdê-lo nem deixar que alguém o roube.

Há pessoas que imaginam criar os filhos para que, no futuro, os filhos cuidem delas. Outras pessoas

criam os filhos para poderem se vangloriar, para se orgulhar deles. Essas não são a verdadeira finalidade pela qual *Hashem* entrega as crianças aos pais. Os filhos são apenas um penhor e temos a obrigação de cuidar e tratar deles de forma adequada, com responsabilidade, fé e confiança.

Considerar Iniciativas Próprias

Em outra oportunidade, foram comentados os princípios básicos da educação. O princípio de *tsemichá*, o crescimento natural, e o princípio de *binyan*, a construção que os pais devem propiciar conforme a idade e as possibilidades de cada filho.

Tsemichá é o crescimento natural, particular de cada criança. É importante que os pais saibam que existe um crescimento natural particular de cada pessoa, e deixem-no acontecer da melhor forma. Analisemos um trecho da *Torá* sob este aspecto.

Moshê *Rabênu* se pronuncia, dizendo (Devarim 32:2):

“*Yaarof camatar likchi tizal catical imrati kiss’irim alê deshe vechirvivim alê essev* – Goteje a minha doutrina como a chuva, caia como o orvalho meu discurso (palavras de *Torá*); como o vento de chuva sobre a grama e como as gotas de chuva sobre a erva.”

Nesta passagem, a *Torá* é comparada com a chuva. A chuva rega as plantações, que crescem por si. Se a *Torá* é como a chuva e as pessoas são suas plantações, então as crianças também deveriam crescer sozinhas. Já que a *Torá* é a chuva que rega o homem, o que tem que “crescer” deveria crescer por si só. De fato, isso é assim. As crianças realmente se desenvolvem espontaneamente. No entanto, assim como com as plantas, os pais podem “semear” e cuidar de

suas plantações – as crianças – para que cresçam da melhor forma. Os pais devem trabalhar a terra e tratar a plantação para que seu desenvolvimento seja satisfatório. As crianças se desenvolvem naturalmente sozinhas, mas precisam dos cuidados dos pais para não acontecer um desenvolvimento comparado ao de uma “plantação selvagem”.

A criança cresce sozinha, mas necessita dos cuidados dos pais. Portanto, é importante que os pais apenas exerçam os cuidados necessários aos filhos e deixem que eles cresçam naturalmente com a “irrigação” da *Torá*. Deve-se dar espaço ao desenvolvimento natural da criança. A chuva é que faz com que as plantações cresçam e, analogamente, os ensinamentos da *Torá* é que fazem com que as pessoas se desenvolvam. Não devemos obstruir a criança, prendê-la quanto às suas iniciativas. Não se pode oprimir seus empreendimentos. Isso é o que significa “deixar acontecer um crescimento natural”.

O objetivo da boa educação dos pais é incentivar as crianças para que tenham iniciativas na sua vida particular, que queiram por si ser pessoas grandes na *Torá*.

Esse conceito é explicado pelo Ramban, quando comenta as duas passagens do *Keriat Shemá* sobre a educação. Na primeira *parashá*, “*Veahavtá*”, consta a passagem (Devarim 6:7): “*Veshinantam levanecha vedibartá bam...* – E as inculcarás a teus filhos e delas falarás...”. Na segunda *parashá*, “*Vehayá*”, consta (Devarim 11:19): “*Velimadtem otam et benechem ledaber bam...* – E vós as ensinareis a vossos filhos para falar delas...”.

Conforme a primeira passagem, nós devemos “ensinar os nossos fi-

lhos e falar palavras da *Torá*”. Conforme a segunda, devemos “ensinar aos filhos para eles falarem palavras da *Torá*”.

Essa diferença entre os versículos nos transmite justamente este conceito, de que devemos ensinar *Torá* aos nossos filhos com o objetivo de que, quando eles crescerem, passem a falar palavras de *Torá* sozinhos. O pai começa “plantando” com palavras de *Torá*, mas chegará um momento que a iniciativa caberá aos filhos.

No primeiro estágio, quem fala *divrê Torá* é o pai, mas essa não é a finalidade, apenas uma etapa intermediária. Numa segunda fase, conforme a segunda parte do *Shemá* – esta sim é a finalidade do ensinamento – as crianças aprenderão a falar palavras de *Torá* sozinhas.

Seria muito triste se a educação oprimisse a motivação e a iniciativa própria da criança.

A alma “floresce”. Nunca devemos esquecer o seguinte conceito básico: introduzir vida na educação. Praticar uma educação que motive, com muito calor. Introduzir “vida” na educação significa mostrar o quanto é bonito, alegre e autêntico o cumprimento das *mitsvot*.

Já a “construção” do ser humano significa acostumá-lo a um comportamento sólido; habituá-lo ao cumprimento das *mitsvot*, a viver da maneira judaica.

A educação é composta por estas duas bases, a *tsemichá* e o *binyan* – introduzir vida na educação e habitar à prática da *Torá*.

Rezar Pelos Filhos

Tratemos agora de outro tema básico na educação, a obrigação da *tefilá* – o dever que os pais têm de rezar por seus filhos.

Antes de qualquer outra coisa, desde o primeiro dia, ou mesmo antes disso, os pais têm a obrigação de rezar pelos filhos. Devem pedir a D’us que eles se desenvolvam satisfatoriamente, que adquiram *yir’at shamáyim* – o temor a D’us – etc.

Constatamos essa obrigação analisando um assunto referente ao *cohen gadol*, o sumo-sacerdote. Na época em que havia o *Bêt Hamicdash* – que seja reconstruído em breve – alguém que matasse outra pessoa de uma forma involuntária, deveria se recluir em uma cidade de refúgio, denominada pela *Torá* de *ir miclat*. O assassino (sem dolo, sem intenção) permanecia nesta cidade até a morte do *cohen gadol*.

Quando o *cohen gadol* morria, as pessoas que mataram sem intenção ficavam livres. A *guemará* explica que, em todas as épocas, as mães dos sumo-sacerdotes enviavam comida para essas pessoas, para que não rezassem pedindo que os filhos delas morressem.

A *guemará* questiona qual a ligação do *cohen gadol* com o assassinato, já que foi previsto um tipo de punição para ele. Segundo a *guemará*, a falha dos sumo-sacerdotes nestes casos, era por não terem rezado pelas pessoas de sua geração, para que ninguém matasse e para que ninguém fosse morto. Se, no mandato de um *cohen gadol*, alguém foi assassinado, mesmo que de forma involuntária, é sinal que o *cohen gadol* não rezou para evitar isso. Por esse motivo, ele está ligado com o assassinato (Bamidbar 35:28): “Porque na cidade de seu refúgio deve ficar até a morte do sumo-sacerdote.”

No entanto, não existe na *Torá* escrita a recomendação de que o *cohen gadol* deva fazer uma *tefilá* específica para que ninguém seja

morto ou que ninguém mate em seu mandato. Também não existe um texto predeterminado no *sêder haftefilot* do *cohen gadol* no *Yom Kipur* quando ele entra no *côdesh haco-dashim* e quando sai de lá. Apesar disso, o assunto é claro e evidente por si só. É uma colocação básica e simples que a responsabilidade do *cohen gadol* é rezar pelas pessoas da sua geração – simplesmente porque ele é o sumo-sacerdote e é responsável pelo povo.

Disso aprendemos uma regra geral. Toda pessoa que é responsável por outras, tem a obrigação de rezar pelo seu bem estar – físico e espiritual. O rabino precisa rezar pelos integrantes da sua comunidade. O diretor da *yeshivá* deve rezar por seus discípulos e, certamente, os pais têm a obrigação de rezar por seus filhos.

“É claro e evidente para mim, particularmente”, diz o *Rav Wolbe*, “que se eu cheguei a algum nível espiritual de *Torá*, foi pelo mérito das *tefilot* da minha mãe.” E todos nós sabemos o quanto o *Rav Wolbe* possui de elevação espiritual! “Consta-tei – diz ele – que ela rezava por mim até mesmo dez vezes por dia.”

Nunca podemos dizer que rezamos o suficiente pelos nossos filhos. Não podemos limitar o número de

vezes que rezamos por eles. Também não existe um texto específico instituído por nossos sábios para isso. Encontramos um parágrafo, por exemplo, redigido pelo Chazon Ish, mas não uma *tefilá* de fato, instituída por *Anshê Kenêset Hagedolá*. A oração pelos filhos deve ser espontânea, precisa sair do fundo do coração de cada pai e mãe. O texto deve ser proveniente de cada coração, particularmente.

Assim, cada indivíduo formula um texto pessoal, adequado às necessidades que ele percebe a cada momento em relação aos seus filhos, aos seus discípulos, à sua comunidade.

Há um texto geral que consta nas cartas do Chazon Ish para ser recitado no parágrafo de *Shemá Colênu* na *Amidá*, antes da frase “*ki Atá shomea tefilat col pê*”. Este mesmo parágrafo pode ser recitado pelas mulheres antes de acender as velas de *Shabat*. O texto é o seguinte (Igrot Chazon Ish vol. 1, par. 74):

“*Yehi Ratson Milefanecha Hashem Elocaj Velokê avotay, shet-rachem al beni (banay) ‘peloni’, vetahafoch et levavô Leahavá ul’ir’á et Shimchá, lishcod Betoratecha hakedoshá. Vetassir milefanav col hassibot hamonaot otô mishkidat Toratechá hakedoshá, vetachin col hassibot*

hameviot letoratechá hakedoshá. Ki Atá shomea tefilat...”

“Que seja a Tua vontade, *Hashem*, meu D’us e D’us de meus pais, que Tu tenhas piedade do meu filho (filhos, filhas) ‘fulano’ e transformes seu coração para amar e temer o Teu nome, que seja insistente na Tua sagrada *Torá*. E afasta da frente dele todos os motivos que o impeçam de estar sempre estudando a Tua *Torá* sagrada, e prepara todos os motivos que o trazem à Tua sagrada *Torá*. Pois Tu escutas a oração...”

A questão de fazer *tefilá* em prol dos filhos e de sua boa educação é tão importante, que nós chegamos até a pensar que este é o ponto principal da educação. É ilusório imaginar que a educação e o desenvolvimento dos nossos filhos, para serem pessoas elevadas em *Torá* e destacadas em características positivas, esteja em nossas mãos. Isso está nas mãos de D’us. É verdade que as crianças nos foram penhoradas e que precisamos fazer tudo o que está ao nosso alcance, mas existe a necessidade primordial de se fazer um número infundável de *tefilot* pelo penhor que Ele deixou em nossas mãos.

Rabino Isaac Dichi, baseado em “Zeriá Uvinyan Bachinuch” do Rabino Shelomô Wolbe zt”l

HOPE®

Parabeniza a Congregação
pela divulgação dos valores
judaicos!



Comemorando “com” a noiva

Essa é uma belíssima história – sobre compartilhar a alegria com o próximo – que eu queria contar há muitos anos e não tinha permissão para fazê-lo. Ela demonstra como atos singelos aqui em baixo refletem de forma impressionante lá em cima.

Rabino Kalman Packouz z”l

Minha esposa tem uma amiga muito próxima, que se casou três meses antes que nós. Na noite anterior ao seu casamento, ela rezou para o Todo-Poderoso, pedindo que seu pai, que falecera um ano antes, aparecesse para ela num sonho e lhe desse um sinal que estava feliz com o casamento. Porém, nada – ele não apareceu.

Na época de meu casamento, em Jerusalém, esta amiga de minha esposa e seu marido estavam nos Estados Unidos, visitando a família dele. Chegou a noite de meu casamento.

Nesta noite, a amiga de minha esposa, vestida com sua melhor roupa de *Shabat*, preparou a mesa de jantar com a toalha mais bonita que tinha, com as melhores porcelanas, comprou flores, organizou a música e preparou uma pequena festa. Tudo isso lá na casa dos pais de seu marido, nos Estados Unidos.

Seus sogros ficaram intrigados com o comportamento da moça e resolveram perguntar o motivo de tudo aquilo. Ela respondeu: “Minha melhor amiga está se casando em Israel e, como não posso comparecer, quis celebrar a

alegria dela aqui mesmo!”.

Os sogros ficaram um pouco confusos, mas “relevaram” seu comportamento.

Naquela noite, a amiga de minha esposa teve um sonho. Ela viu seu pai, um conhecido e respeitado rabino, andando no *Gan Éden* (o Jardim do Éden, o Paraíso) com o Rabino Akiva Eiger *zt”l* (um dos mais destacados, ilustres e respeitados rabinos da História do Povo Judeu – Poisen, Alemanha 1761-1837) discutindo assuntos de *Torá*. Ele parecia bem e feliz. Embora não conseguisse ouvir o teor da animada conversa, ela deleitou-se com as cores e a atmosfera.

Quando despertou, ficou estarrecida: o que seu pai tinha a ver com o *Rabi Akiva Eiger*, que viveu quase dois séculos antes? Como ela ficou sabendo que seu pai estava conversando com o *Rabi Akiva Eiger*, se nunca tinha visto uma foto dele antes? Ela estava muito feliz com o sonho, mas confusa; e não contou-o a ninguém.

Alguns anos depois, num jantar de *Shabat* em sua casa, em Jerusalém, os convidados estavam conversando sobre costumes relacionados com casamentos. De repente, um dos convidados disse: “O *Rabi Akiva Eiger zt”l* dizia ser tão importante compartilhar da alegria de um casamento que, quando não podia comparecer, ele fazia uma

comemoração no mesmo horário do casamento!”. A moça ficou boquiaberta. Imediatamente entendeu o sonho e o motivo pelo qual seu pai estava andando com o *Rabi Akiva Eiger*. Seu pai estava lhe comunicando, ao ver que ela estava feliz com o casamento de sua amiga mesmo a milhares de quilômetros de distância, que ele também estava celebrando a alegria da filha de muito longe.

Ela aprendeu mais algumas lições de tudo isso. Primeiro, que quando nos importamos com outras pessoas, isto causa um tremendo impacto no mundo celestial. Segundo, que sentir contentamento pela alegria de outra pessoa é uma meta que todos devemos ansiar. Quando ela estava preocupada apenas com seu casamento e seus preparativos, o pai não apareceu para ela. Somente quando se concentrou no casamento da amiga, ela teve o mérito de que seu pai aparecesse em seu sonho.

O Todo-Poderoso nos revelou na *Torá*: “Ame o próximo como a si mesmo (Vayicrá 19:18)”. Quem sabe quais os enormes benefícios que se acumularão para nós, neste mundo e no vindouro, se seguirmos este conselho tão simples?

Meor Hashabat Semanal
email: meor018@gmail.com

GRUPO
line OUTSOURCING
DE IMPRESSÃO

Elimine os custos com compra de impressoras e assistência técnica. Colocamos impressoras em comodato a custo zero.

Gerenciamos todo o seu parque de impressoras.
Agende uma visita sem compromisso para elaboração de um projeto em relação as necessidades de sua empresa.

Retiramos e entregamos sem nenhum custo.
Televentas: 3331-3831
www.gpline.com.br

Menahem S. Khafif e Família

Desejam muito sucesso para a Congregação em todos os seus empreendimentos.

O judaísmo mais perto de você!

editora & livraria
SEFER
A LIVRARIA JUDAICA DO BRASIL
www.sefer.com.br

Alameda Barros, 735 | tel. 11 3826-1366
www.sefer.com.br

VRASALON®
DESDE 1968

Deseja grande sucesso espiritual e material para todo Am Yisrael!

www.vrasalon.com.br

KADUR
by Optimist

Deseja sucesso para toda a Kehilá!

www.kadur.com.br

Albert Choueke e família

Parabenizam a Congregação Mekor Haim pelo belíssimo trabalho de divulgação da nossa sagrada Torá

Roupas Limpas

Como apresentar-se nos *yamim noraim* sem “manchas nas roupas”.

Rabino I. Dichi

Consta na *Meguilat Ester* (4:2) a seguinte passagem: “*Vayavô ad lifnê sháar hamêlech, ki en lavô el sháar hamêlech bilvush sac* – E veio Mordechay até a frente do portão do rei, mas não se deve ir ao portão do rei com roupas de saco (de luto)”.

Sabe-se que em toda *Meguilat Ester* não figura o nome de D’us, mas as passagens que trazem “*hamêlech*” – o rei – referem-se diretamente ao Todo-Poderoso. Sendo assim, conforme comentários de nossos sábios, esta passagem mencionando que não se deve ir ao portão do rei (*hamêlech*) com vestimentas de saco, deve ser explicada de uma forma mais profunda. Ela transmite o conceito de que não se deve chegar aos dias próximos de *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur* (o mês de *elul* e os 10 dias de *Rosh Hashaná* até *Yom Kipur*) com “roupas sujas”.

Os dias do mês de *Elul* e *Assêret Yemê Teshuvá* (os Dez dias de Penitência – de *Rosh Hashaná* até *Yom Kipur*) são dias em que o Criador está mais próximo de nós. Isso exige de nós uma apresentação diferente perante Ele. Da mesma forma que temos vestimentas para nosso corpo e zelamos para que estejam sempre limpas, principalmente em ocasiões especiais, temos também nossa vestimenta espiritual. Nossos sábios ensinam que nossa *neshamá* (alma) tem suas vestes, que são o cumprimento das *mitsvot* e o estudo da *Torá*. É muito importante manter constantemente estas vestimentas limpas, ou seja, sem pecados, e mais ainda nestes dias que precedem os *yamim noraim* – os dias temíveis.

O livro “*Or Yisrael*” do Rabino Yisrael Sallanter *zt”l*, traz que, em tempos passados, os judeus estremeciam ao ouvir falar que se

aproximava o mês de *elul*. Era tal o efeito, que eles sentiam a necessidade de se aproximar de D’us, de sua *Torá* e de suas *mitsvot*, cada um de acordo com seu nível. Percebiam que se haviam distanciado do Criador durante o ano e que a única forma de reaproximarem-se Dele era se protegendo através do estudo da *Torá* e do cumprimento das *mitsvot*.

O profeta Yeshayá (58:06) escreve: “*Halô zê tsom evcharêhu pateach chartsubot resha hater agudot motá...* – o jejum escolhido por D’us é aquele no qual se desata o nó dos pecados”. Quando os pecados se excedem, são comparados a uma corda com muitos nós. É preciso desatar os pecados que foram amarrados durante o ano. Este trabalho deve ser feito principalmente quando se aproximam os *yamim noraim* – *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*. Para isso, o Criador nos deu o mês de *elul*, chamado de *chôdesh harachamim*, o mês da piedade, quando temos uma oportunidade especial de cancelarmos nossos pecados por meio da *teshuvá* – o arrependimento.

O Rei Shelomô escreve “*al tirshá harbê* – não faça muitos males”. Não precisaríamos do auxílio da sabedoria do Rei Shelomô, considerado o homem mais sábio da Terra, para darnos um conselho aparentemente tão simples. O Rabino Natan Meir Wachtfoigl *shelita* nos diz que Shelomô *Hamelêch* pretendia, com isso, transmitir-nos o seguinte raciocínio: quando repetimos o pecado seguidas vezes, ele passa a ser encarado de forma diferente; não é apenas um pecado, mas é encarado agora como “*harbê* – muito”. Mesmo que esse pecado seja enquadrado entre os pecados menos graves da *Torá*, por ser repetido constantemente, fica sendo

considerado grave. Por exemplo, um pecado proveniente de más qualidades, já que é também a origem de outros males, é considerado um pecado de *“harbê”*. Cabe a nós, portanto, neste período de *elul*, refletirmos sobre esta situação e desatar os nós dos pecados para que saíamos desta situação de *“harbê”*.

No que diz respeito às *mitsvot* e às *averot* (pecados) de uma forma geral, o que faz com que uma *mitsvá* tenha um valor superior, ou que um pecado tenha um valor grande?

Com relação às *mitsvot*, nossos sábios nos disseram no *Pirkê Avot*: *“Lepum tsaará agrá”* – Conforme o esforço feito para se fazer a *mitsvá*, assim é sua recompensa. A recompensa não é a mesma para alguém que estudou *Torá* em uma determinada hora quando estava tranquilo, sem

preocupações ou incômodos, e em outro momento, com muitas preocupações e sem estar tranquilo. Quando o sujeito fez um esforço para vencer sua natureza e concentrou-se no estudo da *Torá*, sua recompensa foi muito maior do que quando estudou ao estar sossegado.

É assim também com relação ao pecado. De qualquer forma existe punição para todos os pecados. No entanto, essa punição varia de acordo com as circunstâncias que levaram à transgressão. Existe uma grande diferença entre o indivíduo pecar apesar de ter podido evitar facilmente este procedimento errado, para quando as circunstâncias eram tais que dificultavam muito evitar o pecado. Assim também, há uma diferença no caso de praticá-lo com remorso por estar agindo dessa forma. O fato de fazê-lo

com remorso diminui a gravidade do pecado.

Da mesma forma, se as circunstâncias dificultam evitar o pecado e mesmo assim a pessoa se esforça para não cair no erro, a recompensa é maior do que simplesmente evitá-lo em circunstâncias normais.

O Rabino Chayim Vital *zt”l*, em seu livro *“Shaarê Kedushá”*, nos dá uma recomendação chave para cumprirmos as *mitsvot* da *Torá* e para evitarmos sua transgressão. Ele diz que devemos trabalhar nosso interior e nos esforçarmos para adquirir boas qualidades, pois isso já é uma parte importante para a preservação das *mitsvot* e evitar transgredi-las.

Seguindo essas recomendações, estaremos devidamente preparados para nos apresentarmos perante o Rei com *“roupas limpas”*. ■

Daf Hayomi

Acompanhe as aulas diárias de Guemará no Portal Judaico Brasileiro
www.revistanascente.com.br

Aulas de TODAS as páginas publicadas!

www.revistanascente.com.br

Nedarim	Data	Tempo
Nedarim 2	26/mai/15	31m51s
Nedarim 3	27/mai/15	38m49s
Nedarim 4	28/mai/15	41m52s
Nedarim 5	29/mai/15	35m26s
Nedarim 6	30/mai/15	11m10s
Nedarim 7	31/mai/15	33m23s
Nedarim 8	01/jun/15	28m19s
Nedarim 9	02/jun/15	30m42s
Nedarim 10	03/jun/15	33m20s
Nedarim 11	04/jun/15	34m45s
Nedarim 12	05/jun/15	43m52s
Nedarim 13	06/jun/15	1.5m11s



Apenas Encenações

Um homem caminhava pela orla de uma floresta e resolveu apreciar algumas flores que avistou um pouco adentro.

Sem perceber, foi se embrenhando entre as árvores até constatar que estava perdido.

Amedrontado, começou a ouvir sons de animais selvagens que se aproximavam. Logo em seguida, um tigre assustador já pôde ser visto.

Totalmente desprotegido, quase que instintivamente o homem agarrou um galho caído no chão e fingiu ser uma espingarda, apontando para o animal. Então simulou um disparo e imitou o som de um tiro.

Para sua total surpresa, o bicho deu um rugido e caiu morto.

Presunçoso, o “atirador” acariciou o seu suposto rifle, apoiou-o no ombro e saiu andando de cabeça erguida.

O homem, além de pretensioso, tolo, nem percebeu que um caçador verdadeiro observou toda a cena de cima de uma árvore e salvou sua vida.

* * *

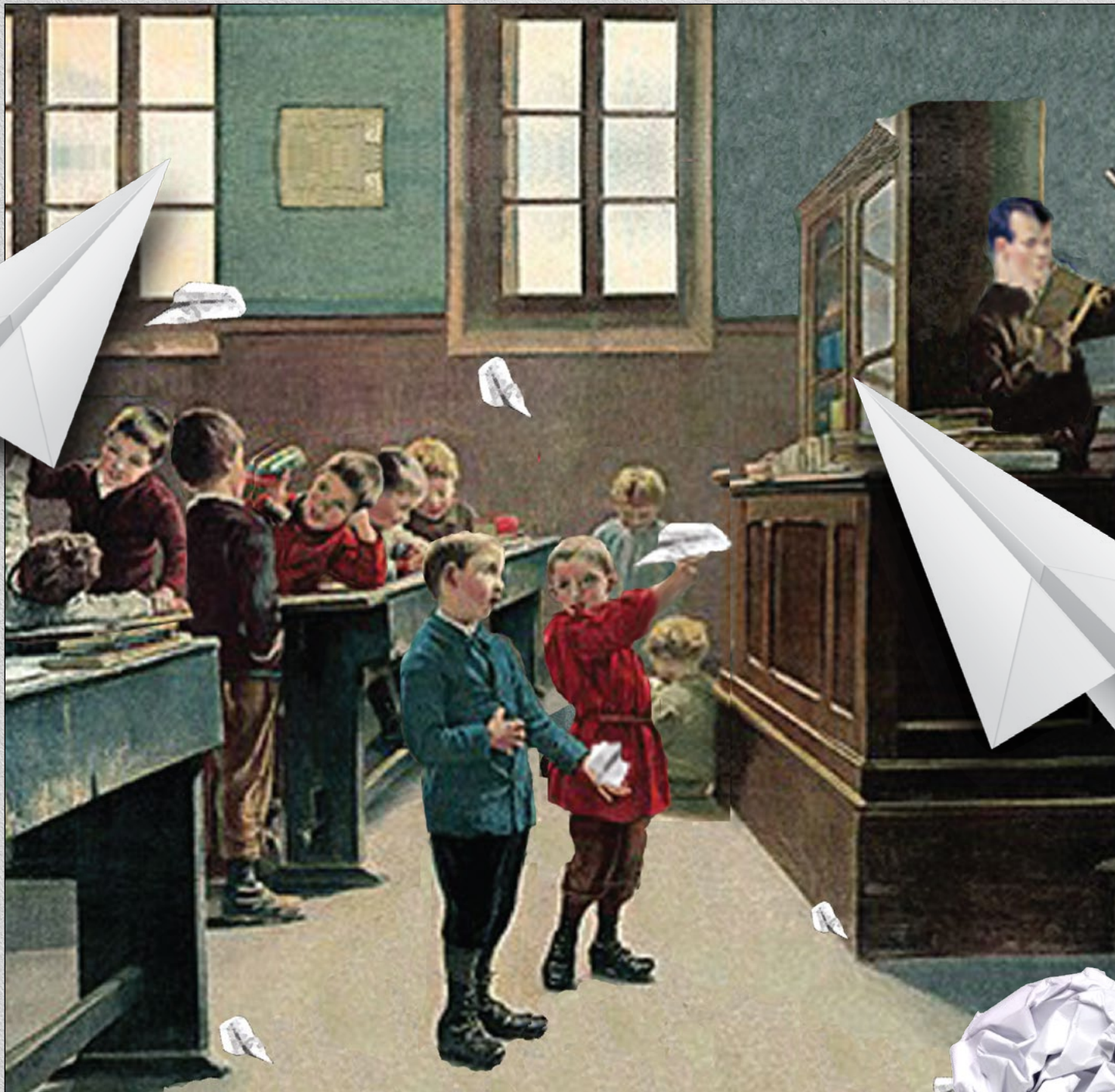
Em nosso cotidiano, pensamos que nossos esforços resolvem todos os problemas e dificuldades, sejam eles relacionados com os negócios, com a saúde, com os estudos...

Mas o que não percebemos é que nossas atitudes não passam de encenações, se comparadas com o verdadeiro motivo do sucesso – encaminhado lá “de cima”.



Quem Está Vendo?

Defronte ao professor, todos os alunos o temiam.



Mas quando ele se virava...!

* * *

Se todos acreditamos em D'us e conhecemos Sua vontade, por que pecamos? Simplesmente porque não nos lembramos constantemente que Ele nos observa, que Ele nunca está de costas.



Pão Mezonot

O parecer dos Guedolê Hapossekim a respeito de pão feito com suco de frutas, etc. – *pat habá bekisnin* – chamado popularmente de “pão mezonot”.

Rabino I. Dichi

1. É necessário sentir no pão o gosto do suco, para que ele seja considerado *pat habá bekisnin* (*mezonot*). Caso contrário, o pão permanece com *status* de pão e é obrigatório abluir as mãos com a *berachá* de *Netilat Yadáyim*, recitar a *berachá* de *Hamotsi* antes do seu consumo e de *Bircat Hamazon* no final.

2. Todo o conceito de *pat habá bekisnin* se aplica somente quando se come massas – sobre as quais se faz *mezonot* – como uma refeição casual e não como uma refeição fixa, substancial e que há satisfação plena do apetite. No caso em que o pão *mezonot* vem apenas substituir o pão *hamotsi*, deve-se fazer *netilat yadáyim*, *Hamotsi* e *Bircat Hamazon*.

3. Por conseguinte, quando se fixa uma refeição sobre *pat habá bekisnin*, ingerindo qualquer massa em quantidade de 3 a 4 *betsim* (168ml a 224ml) – que não representa muito, pois é calculado em volume – e sobre a qual se recita a *berachá* de *Mezonot* (exceto massas cozidas sobre o fogão ou fritas em óleo – *maasê kederá* – como macarrão) chama-se a isto *keviut seudá*. Neste caso, torna-se necessário abluir as mãos com a *berachá* de *Netilat Ya-*

dáyim, recitar a *berachá* de *Hamotsi* antes do seu consumo e de *Bircat Hamazon* no final.

4. Conforme o veredicto do *Rav Moshê Feinstein*, *zt”l*, o fato de comer *pat habá bekisnin* em refeição, junto com outros alimentos, transforma esta refeição em *seudá* e por conseguinte será obrigatório fazer *netilat yadáyim*, *Hamotsi* e *Bircat Hamazon*. Entre os *possekim ashkenazim* há muitos que assim sustentam.

5. É muito importante levar em consideração que a omissão desta *halachá* tem como consequência a transgressão de ter comido e não ter feito *Bircat Hamazon*, que é uma *mitsvá* da *Torá* quando o indivíduo fica satisfeito (conforme consta: “*veachaltá vessaváta uverachtá*”). Em certos casos, há a transgressão de ter comido sem fazer *netilat yadáyim*, que é uma das sete *mitsvot derabanan*.

6. Todas as vezes que o indivíduo perceber que tem alguma dúvida a respeito deste assunto, deverá fazer *netilat yadáyim*, recitar a *berachá* de *Hamotsi*, ingerir um *cazáyit* de pão e depois de comer à vontade *pat habá bekisnin*, recitar *Bircat Hamazon* no final. ■

Um Desafio

1

A Torá nos foi outorgada no ano judaico de:

- a) 2448.
- b) 2998.
- c) 3558.
- d) 4558.

2

A Torá está dividida em quantas parashiyot, que são lidas a cada Shabat?

- a) 48.
- b) 49.
- c) 54.
- d) 58.

3

São Parashiot da Torá contidas no livro Bereshit:

- a) Vaychi, Vaerá, Vayetsê e Vayêshev.
- b) Vaychi, Mikets, Toledot e Vayêshev.
- c) Lech Lechá, Chayê Sará, Vayêlech e Noach.
- d) Chayê Sará, Toledot, Shelach Lechá e Vayishlach.

4

Quantos anos viveu Avraham Avínu?

- a) 70.
- b) 120.
- c) 145.
- d) 175.

5

Haran:

- a) Era pai de Avraham e faleceu em Charan.
- b) Era irmão de Avraham e faleceu em Ur Casdim.
- c) Era tio de Avraham e faleceu em Charan.
- d) Era sobrinho de Avraham e faleceu em Ur Casdim.

6

Irmã de Sará:

- a) Chaná.
- b) Peniná.
- c) Milcá.
- d) Yiscá.

À Sua Sabedoria

São filhos de Yaacov Avínu:

- a) Levi, Gad, Dan e Zevulun.
- b) Reuven, Asher, Cohen e Levi.
- c) Shim'on, Levi, Menashê e Yehudá.
- d) Nenhuma das anteriores.

Em qual lugar morou Yaacov no Egito?

- a) Pitom.
- b) Gôshen.
- c) Raamssês.
- d) Casdim.

Quantos anos Yaacov viveu no Egito:

- a) 17.
- b) 25.
- c) 28.
- d) 43.

A filha de Yaacov se chamava:

- a) Chaná.
- b) Riná.
- c) Diná.
- d) Peniná.

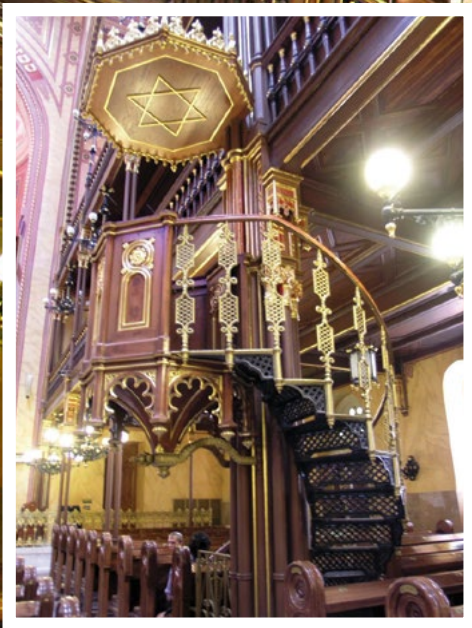
O filho mais jovem de Yaacov:

- a) Reuven.
- b) Zevulun.
- c) Binyamin.
- d) Yossef.

Yossef foi escravo do:

- a) Faraó.
- b) Potifar.
- c) Tsafenat.
- d) Raamsês.

Respostas: 1-A, 2-C, 3-B, 4-D, 5-B, 6-C, 7-A, 8-B, 9-A, 10-C, 11-C, 12-B



A Grande Sinagoga de Budapeste teve o seu interior restaurado na década de 1990

Sinagogas de Budapeste

Budapeste, capital da Hungria, é uma cidade interessante repleta de tesouros arquitetônicos. Suas belíssimas sinagogas demonstram a importância e o amor conferidos à oração, além de contribuírem de forma significativa com a paisagem urbana. Fazemos um lindo passeio por 4 das 22 sinagogas de Budapeste.

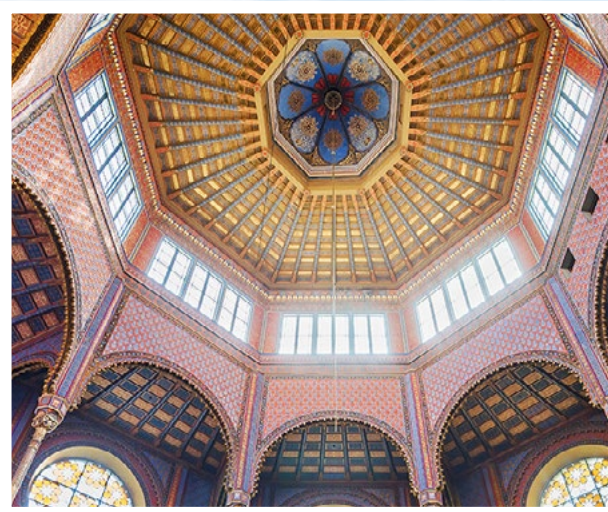
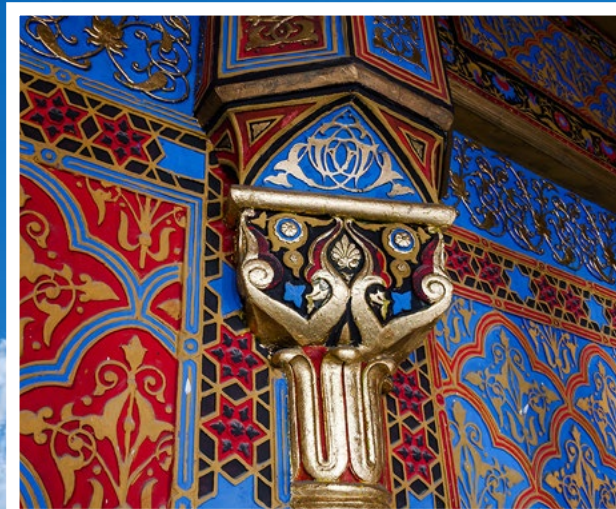
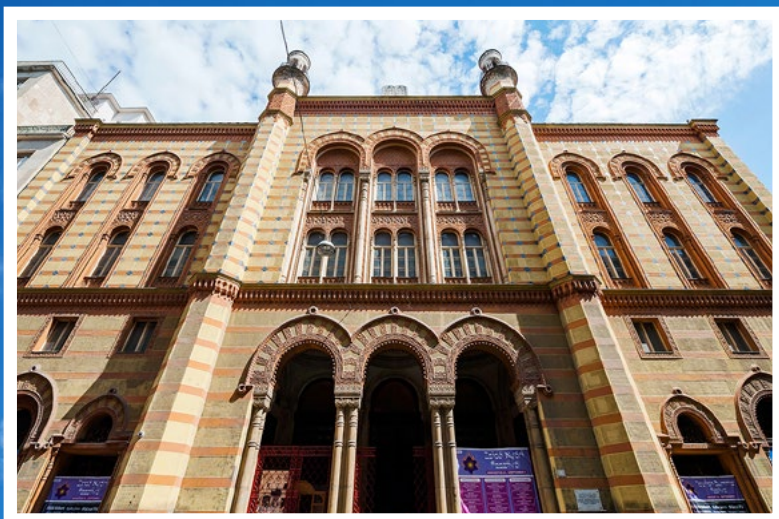


A “Grande Sinagoga” – na Rua Dohány, no bairro judaico – é a maior do gênero na Europa e um dos mais populares espetáculos turísticos da cidade. Os estabelecimentos da comunidade judaica estão situados próximos, à disposição de dezenas de milhares de seus membros.

Construída em meados do século XIX, seus traços arquitetônicos lembram a influência otomana de outrora.

Sinagogas

Esta sinagoga se localiza na Rua Rumbach, muito perto da Grande Sinagoga. Também é decorada com motivos orientais. Infelizmente, está fechada e abandonada, mas há rumores de que será restaurada.





Veja em destaque os belíssimos lustres decorados com a Estrela de David e os vitrais laterais no teto arqueado.

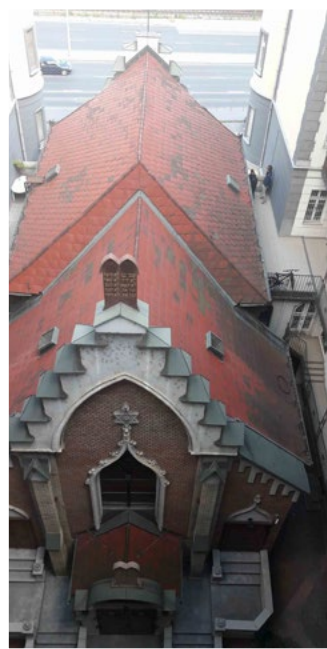
O detalhe exclusivo da última foto é do vitral central da cúpula do telhado.



Também perto da Grande Sinagoga, na Rua Kazinczy, encontramos outra linda sinagoga. Não é fácil admirar sua fachada, já que do outro lado da estreita rua existe um prédio. Em seu interior, apesar da decoração modesta, as diferentes estéticas causam uma agradável surpresa.



Na esquina da Rua Árpád com a Rua Kavics, às margens do Danúbio, encontra-se esta construção interessante. Uma bela sinagoga “trancada” em um pátio de um edifício. A vista da sinagoga de uma das sacadas é impressionante, com o Danúbio ao fundo.



A porta de entrada da sinagoga localiza-se no pátio do edifício. Deve-se entrar em silêncio, para não importunar os vizinhos...

O Mês de Elul

Rabino I. Dichi

Selichot

Os *sefaradim* costumam recitar *Selichot* a partir do segundo dia do mês de *elul* até *Yom Kipur*. Este costume está ligado com o fato de que, quando Moshê *Rabênu* subiu ao Monte Sinai para receber as segundas *Luchot Haberit* – as Pedras da Lei – no *Rosh Chôdesh Elul*, o povo foi avisado através do toque do *shofar* para que não houvesse outro equívoco, como o da vez anterior. Portanto, a partir desta data é um período propício para que D'us aceite nossas orações.

Já os *ashkenazim* costumam tocar o *shofar* a partir do segundo dia de *Rosh Chôdesh Elul*, após a oração de *Shachrit* – exceto no *Shabat* e véspera de *Rosh Hashaná* – e começam a recitar *Selichot* no domingo que antecede *Rosh Hashaná*. Caso o primeiro dia de *Rosh Hashaná* coincida com uma segunda ou terça-feira, os *ashkenazim* começam a recitar *Selichot* no domingo da semana anterior.

Apesar de os *ashkenazim* começarem a recitar *Selichot* apenas no domingo anterior a *Rosh Hashaná*, também devem despertar mais cedo durante o mês de *elul*, acrescentar na *avodá* de *Hashem* (fazer as orações com mais concentração, estudar mais *Torá*, cumprir as *mitsvot* com maior dedicação, etc.) e cumprir

o versículo (Echá 2:19): “*Cúmi, rôni balayla le-rosh ashmurot, shifchi camáyim libech nôchach penê Hashem...* – Levanta-te, suplica de noite no início das vigílias! Derrama teu coração como água na Presença de D'us...”

Para as *Selichot* e as orações de *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur* deve-se designar para *chazan* a pessoa mais qualificada, a mais conhecedora da *Torá* e a mais praticante de *mitsvot* e *maasim tovim* – boas ações. O mesmo se aplica ao *tokea* – quem toca o *shofar*. Devem também ter mais de trinta anos e serem casados. Caso haja necessidade de optar entre um *talmid chacham* – um estudioso da *Torá* – que não seja casado e que não tenha a idade mínima de 30 anos e um outro que, não sendo *talmid chacham*, possua estes requisitos, deve-se dar a preferência ao *talmid chacham*.

É correto que o *chazan* e o *tokea* sejam *baalê teshuvá guemurá* – tenham feito uma *teshuvá* completa – e que estudem as regras e *cavanot* (intenções) das preces e dos toques do *shofar*.

Só é permitido recitar as *Selichot* a partir de *chatsot layla* (o meio da noite) e não se deve recitá-las antes deste horário. Especialmente, antes de *chatsot layla* não se deve recitar as “*Treze Midot Harachamim*” (“*Hashem, Hashem, El rachum vechanun...*”), exceto no *Yom Kipur*,

quando são recitadas na oração de *Arvit*.

As *Selichot* que são proferidas na língua *aramit* (aramaico), como *Rachamaná*, *Machê Umassê*, *Rachamaná Di Vishmayá* e *Deanê Laaniyé Anenan*, não devem ser ditas caso não haja *minyán*. Portanto, se deram início às *Selichot* e não havia *minyán*, estas partes não devem ser recitadas até que o *minyán* se complete, e só então retoma-se os trechos que foram pulados.

As Treze *Midot Harachamim* também não devem ser ditas sem *minyán*. Aquele que estiver rezando sozinho somente poderá recitá-las se cantar com os *teamim* da *Torá* (melodia indicada nos livros por sinais gráficos).

Ao recitar as Treze *Midot Harachamim*, deve-se fazer uma interrupção entre as duas primeiras palavras: *Hashem, Hashem*.

É correto recitar *Bircot Hasháchar* antes do início das *Selichot*.

Ledavid Hashem Ori

É correto recitar todos os dias, a partir de *Rosh Chôdesh Elul*, até *She-mini Atsêret* inclusive, após a oração de *Shachrit*, o capítulo (Tehilim 27) “Ledavid Hashem Ori Veish’i”.

Os *ashkenazim* recitam-no após *Shachrit* e também após a oração de *Minchá*.

Leshaná tová

A partir de *Rosh Chôdesh Elul*, quando se envia uma carta a algum amigo, costuma-se escrever: “*Leshaná tová ticatev vetechatem*” – Que seja inscrito e selado para um ano bom.

Teshuvá

O mês de *elul* é época de *teshuvá* para todos. Temos que nos cuidar de forma exclusiva neste mês e nos dez dias que se iniciam com *Rosh Hashaná* e terminam no *Yom Kipur*. Devemos buscar em nossas atitudes as que não estão corretas e as que não condizem com o comportamento ditado pela *Torá* e procurar melhorar o que estiver errado. A cada noite antes de dormir, antes de pronunciar o *Viduy*, devemos procurar o que fizemos de errado durante o dia e nos confessar perante o Criador. Após essa introspecção, devemos receber sobre nós o arrependimento e assumir que não voltaremos a cometer os mesmos erros. Esta conduta deveria ser feita todas as noites do ano, conforme o fazem os *tsadikim* – os justos. Pelo menos que o façamos nestes quarenta dias propícios para a *teshuvá*.

do livro “*Rosh Hashaná, Yom Kipur e Sucot*”.

Todas as fontes pesquisadas encontram-se na referida obra.



50 anos

Fitas Elásticas

Fitas Rígidas

Bojos

Velcro

Fio para Costura

Etiquetas Bordadas

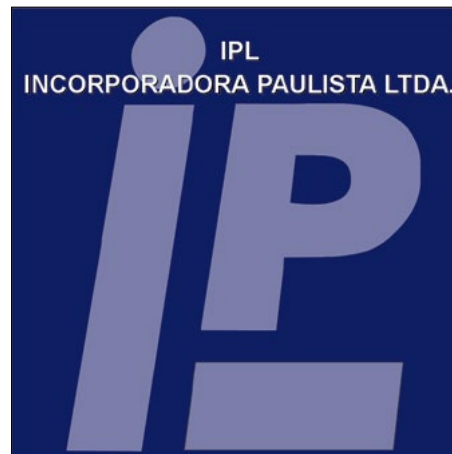
FITAS ELÁSTICAS ESTRELA LTDA.
Rua João Roberto nº 580 - CEP 07221-040
Cidade Industrial de Cumbica
CEP - 07221-040 - Guarulhos - SP
Tel: (55-11) 2142-7277
Fax: (55-11) 2142-7299
e-mail: estrela@estrela.ind.br
Internet: www.estrela.ind.br

KALIMO

Parabeniza a Congregação pela divulgação dos valores judaicos.

“Todo aquele que possui as três qualidades que se vão enumerar é um discípulo de Avraham, nosso pai; o que possui os vícios opostos é um discípulo de Bil’am, o ímpio. O bom olhar, a humildade e a abnegação são as características dos discípulos de Avraham. O mau olhar, o orgulho e a ambição são as características dos discípulos de Bil’am.”

Ética dos Pais 5:23



Pensamentos

O objetivo da vida é ter uma vida cheia de objetivos!

O homem é o único animal
que sente vergonha – ou deveria!

Seja sensível com as sensibilidades dos demais
e seja insensível com suas insensibilidades!

Os pequenos atos executados
são maiores que os grandes atos planejados.

Quando você é bom com os outros,
você é ainda melhor consigo mesmo.

Aprenda dos erros dos demais, ninguém vive tanto
para aprender cometendo todos sozinho!



Michtav Meeliyáhu Em Busca da Verdade

A psicologia tenta estudar os mecanismos da psique humana, muitas vezes tateando no escuro, tentando equacionar fenômenos que têm suas origens nas profundezas da alma. No livro “Em Busca da Verdade” encontramos a visão da *Torá* sobre a natureza humana a partir da perspectiva Divina. Ele nos mostra a Verdade segundo o Criador, e não sob a forma de teorias elaboradas por pessoas como nós. Baseado nas mais belas interpretações da *Torá* e do *Talmud*, “Em Busca da Verdade” nos coloca frente à nossa própria essência e traz grandes ensinamentos capazes de iluminar e aprofundar a maneira como vemos a vida.

R. Elyáhu E. Desler zt”l

As grandes migrações do século XX verificadas em diásporas estabelecidas há centenas de anos (tanto dos *ashkenazim* como dos *sefaradim*) e a tragédia do Holocausto devastaram o mundo da tradição judaica. Poucos dos que sobreviveram tiveram a visão e a força de lutar em terras estranhas para reedificar e restaurar o mundo espiritual das comunidades.

Dentro desse contexto, o Rabino Eliyáhu Desler *zt"l*, um dos poucos gigantes espirituais que sobreviveram, foi uma abençoada exceção. Ao longo de todo o livro, através de exemplos que refletem a extrema dedicação que teve para com seus alunos, através de relatos sobre uma vida inteira devotada à *Torá*, podemos sentir a magnitude dos esforços que empreendeu para resgatar das ruínas um povo devastado.

O capítulo “E Foi Após a Destruição” é tão emocionante que deveria ser decorado em todas as escolas judaicas e *yeshivot* como um hino do amor ao nosso povo, um exemplo do vigor eterno da alma judaica, que não se cansa e não se curva nem mesmo perante os maiores desafios e dificuldades da vida.

Trazemos, a seguir, o capítulo intitulado “A Raiz da Moral”. Neste artigo, base para a compreensão dos seis seguintes, a lógica humana é submetida à visão crítica dos nossos sábios e da observação da natureza do homem. Suas conclusões quanto à falta de fidelidade do nosso próprio raciocínio em relação a assuntos morais e aos princípios da fé, são iguais às dos outros métodos empregados no estudo do *mussar*, embora o caminho que leva diretamente a elas seja o método singular do Rabino Desler.

Se alguém aceitar estas conclu-

sões, apresentadas aqui de modo tão convincente, começará a duvidar espontaneamente das verdades do mundo moderno em que vem acreditando de maneira quase intuitiva. Ou começará a indagar sobre a origem de seu sistema de crenças, tentando responder a si mesmo se não teria sido induzido a acreditar nas suas ideias atuais, ao mesmo tempo em que se perguntará o que deve fazer para chegar a um sistema de ideias confiáveis. A predisposição à autocrítica já é, em si, “a raiz da moral”.

Este artigo foi escrito originalmente em 1940 e compilado diversas vezes nos anos subsequentes, com algumas modificações e adendos.

A Raiz da Moral

Um cientista está prestes a iniciar uma complicada e sofisticada pesquisa com implicações da maior relevância, onde mesmo um erro mínimo poderá ser fatal. Sua primeira preocupação: garantir a fidelidade de seus instrumentos de pesquisa.

Todo homem é, na verdade, um cientista desse tipo, pois faz experiências com os destinos de sua vida – as mais ousadas possíveis. E carece de um senso de julgamento aguçado para ajudá-lo a decidir o que fazer e o que não fazer. Deve escolher uma trilha para sua vida e contornar os obstáculos que se lhe aparecerem pelo caminho. Mas como fazê-lo sem antes examinar os instrumentos de medição ao seu dispor?

Nossa mente, na qual confiamos nossos julgamentos, é um instrumento de medição extremamente delicado, cujo nível de exatidão precisa ser continuamente avaliado. Como podemos nos basear em suas conclusões se não dispomos de meios para avaliá-la com exatidão e minúcia?

Um assunto que nos faz refletir

Se examinarmos a capacidade da mente de julgar com exatidão, descobriremos um fato fundamental. Não há pensamento (ou raciocínio) que não tenha sido precedido por um fato. A mente de uma pessoa que não se interessa por filatelia, por exemplo, não discernirá os pormenores de um selo postal cujos olhos experimentados de um filatelista identificarão de imediato. Mais um exemplo: que dados serão absorvidos e permanecerão gravados na mente de um homem que folheia desatentamente as páginas de um jornal? Somente detalhes que o interessarem, por um motivo ou outro. O que não o interessa não atrairá sua atenção ou pensamento a respeito.

Qual é a origem do nosso interesse? Nossa vontade, obviamente. Minha vontade é o fator que decide se algo me interessa ou não. Em outras palavras, me interesso pelo que quero ou, ao contrário, pelo que desejo evitar. Meu interesse não é senão o reflexo de minha vontade.

Portanto, os assuntos sobre os quais ponderamos são frutos de alguma pergunta que nossa vontade tenha formulado à nossa mente, em busca de resposta ou decisão.

É claro que existem problemas que podemos classificar como “técnicos”, e para eles – no que diz respeito ao objetivo – já temos a resposta. Falta-nos decidir quais os meios a serem empregados para atingirmos o objetivo em questão. Aqui, nossa vontade está interessada somente nos meios para chegar ao objetivo, sem interferir nos cálculos usados por nosso intelecto para deliberar sobre o assunto. Isto compreende a quase totalidade das decisões tomadas diariamente por nossa mente quanto a assuntos cotidianos e ou-

tras questões puramente técnicas. Por exemplo, “como fazer” isto ou aquilo, ou “como ir” ali ou acolá. Geralmente não temos problemas em tomar este tipo de decisão. Tudo o que precisamos é de um cérebro com um mínimo de preparo.

Nossos verdadeiros problemas são questões que nos fazem hesitar, do tipo: “É isto o que realmente devo fazer?”, “É para este lugar que realmente preciso ir?”. A dificuldade aqui está no fato do nosso interesse pessoal estar envolvido numa resolução, pois é ele quem formula a questão e, por meio dela, ele revela uma inclinação para determinado tipo de resolução. O indivíduo começa a ponderar se deve ou não sair no meio do serviço para cuidar de interesses pessoais quando a vontade de fazê-lo já se manifestou em seu coração. É clara a direção que o coração de uma pessoa que ofendeu um amigo toma, quando ela decide pedir perdão a este amigo, correndo o risco de passar por um constrangimento.

Devemos nos preocupar com a capacidade de nossas mentes em tomar a decisão correta em situações como estas. Os sábios da *Torá* conhecem o íntimo da alma humana. Estudemos suas palavras para encontrar uma resposta ao nosso problema.

“Cegar os olhos dos Sábios”

O *Talmud* (Ketubot 105b) ensina: “Disse Rava: por que o suborno foi proibido [pela *Torá*]? (*Rashi*: por que o suborno foi proibido mesmo se for usado para inocentar um inocente e sentenciar um culpado?)

Resposta: se um juiz é subornado por uma das partes da contenda, ele se torna próximo a ela e, como resultado, passa a se identificar com ela; e ninguém vê culpabilidade em si mesmo.

Portanto, se um juiz recebe um presente, isto o desclassifica como árbitro da disputa em questão, porque sua consciência se inclinará para uma das partes. Mesmo que este juiz esteja determinado a julgar com imparcialidade, a *Torá* ensina que ele não conseguirá chegar a uma decisão justa, porque não pode decidir contra a pessoa que lhe deu o presente. Sua vontade corrompe sua mente e isto está claramente explicado pelo *Midrash* (Tanchumá, Shofetim 8): “Visto que o juiz deu seu coração ao suborno, cegou-se para a justiça e já não pode lavar a sentença baseado na verdade”.

É claro que quando alguém faz um julgamento prévio, isto se torna um fator influente no processo de raciocínio lógico da pessoa e a desvia do rumo verdadeiro. Lógica

e juízo são características sensíveis – é da natureza do suborno impedir que o árbitro pondere corretamente sobre os argumentos do lado contrário ao que lhe presenteou. Podemos entender isto em vista do que já foi dito aqui, pois constatamos que o interesse gera o raciocínio. Poderia então um interesse pessoal fazer a mente argumentar contra sua própria vontade? Pelo contrário. Como a mente já está envolvida com a vontade, isto induzirá o raciocínio na direção que lhe convém. Além disto, ainda que outras pessoas [que não a parte oposta da contenda] lhe apresentem o mesmo argumento, o juiz ver-se-á na dificuldade de aceitá-lo, conforme o Maharal de Praga explica (*Gur Aryê*, comentário sobre *Devarim* 16:19) no versículo: “Porque o suborno cega os olhos dos sábios e subverte as palavras justas:”

“Cega os olhos dos sábios” porque não os deixa ver qual é o argumento verdadeiro.

“E subverte as palavras justas” (*Rashi*: argumentos corretos) – pois ainda que consiga ver quais são os argumentos corretos, os subverterá.

Também lemos na *Mechiltá* (Shemot 23:18) que, no final das contas, este homem “detestará os argumentos corretos, mesmo se foram ditos



HM
Hecho por Mi
Costura - Crochê

Kissuim
Imperdíveis!

Garanta
já os
seus!

Telefone: 94168-5077

no Sinai”. Seu interesse pessoal o fará detestar tudo o que estiver em seu caminho, mesmo que seja a própria *Torá*.

Corrupção do comportamento

Há algo mais a ser aclarado, conquanto suas implicações possam parecer medonhas. Se um homem fracassar uma vez e deixar sua mente corromper-se pelo suborno, com o tempo ele ficará cego espiritualmente, perdendo pouco a pouco seu “senso de veracidade”. O primeiro “argumento distorcido” que cruzar sua mente ali se sedimentará e servirá de base a todos os pensamentos que virão a seguir. Sua estrutura cognitiva e suas ideias tornar-se-ão maculadas. Esta cegueira continuará a aumentar e, quando ele morrer, estará na mesma situação, como está escrito (*Ketubot* 105b): “Mesmo um grande sábio, se aceitou suborno, não deixará este mundo sem que seu coração se torne cego por isto”.

Além disso, este homem não se corromperá sozinho e levará consigo todos os que são influenciados por ele, porque o senso de veracidade do homem é tão aguçado que se uma pessoa se desviar um mínimo que for do caminho da verdade, pode influenciar até os indivíduos íntegros ao seu redor. Inconscientemente, estas pessoas tentarão “consertar” suas ideias, para que se pareçam mais às ideias dominantes de seu ambiente, que por sua vez foram contaminadas pela corrupção do intelecto. No final, o próprio conceito de moral e verdade incorruptíveis se tornarão extintos nessa comunidade.

Isto é o que ensina esta ideia de nossos sábios (*Sotá* 47b): O aumento no número de juízes desonestos eliminou o cumprimento do mandamento (*Devarim* 1:17): “Não temereis a ho-

mem algum”; e extinguiu a lei (*ibid.*): “Não conheçais faces no juízo”.

O Maharal de Praga ilustra esta ideia com o seguinte comentário (*Netivot Olam, Netiv Hadin*): “O mandamento ‘Não temereis a homem algum’ deixou de ser observado mesmo por homens íntegros... e quando as criaturas entregam-se a este tipo de transgressão, uns arrastam os outros, e assim por diante nas gerações seguintes, quando não haverá um só homem exemplar, fazendo com que ‘Não temereis a homem algum’ deixe de ser observado até o fim das gerações.”

Existe medida?

Qual é a medida mínima de suborno necessária para “cegar os olhos dos sábios”?

Resposta: uma medida irrisória de suborno é suficiente para causar danos mesmo na mente do mais sábio dos homens. Nossos sábios, profundos conhecedores dos segredos do comportamento humano, sabiam do alcance deste perigo.

O *Talmud* (*Ketubot*, *ibid.*) conta o episódio de *Rabi Yishmael ben Yossê*, que arrendou parte de suas terras a um homem. Como pagamento, o homem trazia um cesto com frutos do seu pomar (o pomar arrendado de *Rabi Yishmael*) todas as sextas-feiras. Este homem foi intimado a comparecer perante uma corte rabínica numa quinta-feira. A caminho do *bêt din*, levou um cesto com frutas à casa de *Rabi Yishmael*, como de hábito. Como *Rabi Yishmael* fazia parte do corpo de magistrados, recusou a oferta habitual do cesto de frutos, pois temia ser influenciado, e mesmo inconscientemente poderia inclinar o veredicto a favor do senhor que lhe trazia as frutas. Mesmo após recusar, *Rabi Yishmael* cogitou sobre

a possibilidade de ser influenciado a favor de seu amigo, pelo simples fato de aquele homem oferecer-lhe as frutas um dia antes do habitual. Por isso, desqualificou a si próprio como jurado da contenda e pediu a outros magistrados que julgassem o caso.

Rabi Yishmael, no entanto, observou o julgamento do lado de fora da corte e descobriu que, mesmo sem intenção, sua mente começava a formular argumentos que fatalmente culpariam a parte oposta à do homem que lhe levava as frutas; ao mesmo tempo, vinham-lhe à mente argumentos que inocentariam seu amigo. Após refletir profundamente sobre esta ideia, descobriu surpreso que isto aconteceu pelo fato do cesto de frutas que recebia regularmente ter fixado em sua mente um processo de raciocínio favorável a quem as trazia. Proclamou então: “Que sucumbam os homens que aceitam subornos! Isto aconteceu a mim, que não aceitei, e mesmo se tivesse aceito, teria recebido o que já me pertence – o que dizer, então, dos homens que aceitam presentes e favores?”

Que profunda lição tomamos deste episódio. *Rabi Yishmael ben Yossê* era um sábio *tanaíta*. Uma pessoa santa e elevada, como percebemos de sua recusa em aceitar as frutas (que, na verdade, eram suas) um dia antes do julgamento, por medo de ser influenciado. Pelo mesmo motivo recusou-se a julgar o caso. Mesmo assim, viu-se na situação constrangedora de cogitar em sua mente argumentos que dariam a causa ao homem que o favorecia – como resultado de um presente tão sem importância. Se isto acontece com homens como *Rabi Yishmael*, o que diremos de nós, que estamos num nível tão inferior ao deles? Está

claro que mesmo o mais irrelevante favor influenciaria imensamente nosso processo de raciocínio.

O risco do juízo prévio

Imaginemos uma situação quase imune à corrupção: um indivíduo investiga um tema sem relevância pessoal alguma para ele e precisa emitir seu parecer a respeito. Suas ponderações começam antes mesmo de ele coletar os dados necessários à pesquisa, e ele traça algumas hipóteses, sujeitas obviamente à verificação, à luz dos dados que reunirá. Cuida para não emitir opiniões decisivas sobre o assunto em pauta e não revela suas hipóteses a pessoa alguma. Ele predispõe-se a reformulá-las imediatamente, se depois de examiná-las, constatar que se equivocou. Já em posse do material relevante, examina a questão uma vez mais. Podemos concluir que este homem deixou-se corromper por um fator qualquer? Cruzaria nossas mentes a possibilidade de ele alterar novos dados obtidos para fazer valer suas primeiras hipóteses?

Aparentemente, não. Mas se estudarmos as leis judiciais da *Torá*, seremos forçados a uma conclusão diferente. Lemos na *Torá* um alerta de Moshê aos juizes de Yisrael (Devarim 1:16): “Ouvi a causa dentre vossos irmãos e julgai com justiça”. Nossos sábios comentam este discurso de Moshê da seguinte maneira (*San’hedrin* 7b): Os juízes foram alertados de modo a não ouvirem uma parte numa disputa sem que a outra esteja presente. Ao mesmo tempo, se uma das partes já estiver presente diante dos juizes, ela fica proibida de iniciar sua argumentação antes da chegada da outra parte.

Novamente, o Maharal de Praga comenta com brilhantismo: “Ainda

que a parte que argumente diante do juiz o faça com honestidade e devoção [antes da chegada da outra parte], o juiz tenderá a favorecê-la, mesmo que a outra parte tenha argumentos mais convincentes, pois as palavras ditas em primeiro lugar penetraram os ouvidos do juiz, causando uma primeira impressão”.

Por que isto acontece? Simplesmente porque o juiz verá a razão naquilo que lhe disseram em primeiro lugar. O juiz é consciente do fato de estar ouvindo somente uma das partes e sabe que os argumentos estão condicionados ao que ouvirá da parte contrária, levando-se em conta as cautelas mencionadas anteriormente. De qualquer modo, o simples fato de sua mente ter começado a trabalhar em torno dos argumentos que lhe foram apresentados em primeiro lugar, faz com que seu julgamento seja considerado parcial. Qualquer pessoa sente um certo incômodo quando lhe exigem que mude de opinião, e isto é suficiente para comprometer a balança da justiça, mesmo que seja por um fio de cabelo.

Somos todos juízes

Todo homem tem um juiz dentro de si. Somos continuamente obrigados a julgar e fazer saber nossa opinião. Se tomarmos conhecimento da proporção em que nossas mentes se tornam influenciadas por ideias preconcebidas, entenderemos a intensidade desta força, que pode superar em gênero, número e grau a um suborno oferecido aos membros de um tribunal.

Pensemos por um instante: um preconceito, por insignificante que seja, pode distorcer a imparcialidade do nosso julgamento, como já sabemos. A causa disso é a tendência humana de manter as ideias que já

existem dentro da mente, como resultado da preguiça ou do orgulho. O que dizer então do nosso comportamento e das ideias que desenvolvemos com base em desejos vis e atributos de caráter duvidosos, segundo os quais vivemos nossas vidas durante tanto tempo?

Nossos sábios disseram que a aproximação causada pela aceitação de um favor de outra pessoa, por menor que seja, faz o juiz identificar-se com a pessoa que lhe ofertou o presente, impedindo-o para sempre de julgá-la com verdade, pois “o homem não enxerga os próprios defeitos”. Como podemos esperar tomar decisões objetivas a nosso respeito, ou seja, reconhecer nossas falhas e aceitar pontos de vista que nos obriguem a tomar atitudes que nos custem duros esforços, bem como evitar atitudes que nos dão prazer?

Se um pequeno desvio da verdade pode distorcer o sistema de raciocínio de um juiz, o que dizer de nós, que desde a mais tenra idade nos habituamos a contar todo o tipo de desculpas esfarrapadas a nós mesmos, a sermos lenientes com os nossos equívocos e a exagerarmos na valorização de nossas virtudes?

Os sábios da *Mishná* entendiam, já em seus dias, que a enfermidade contagiosa do “fingimento” havia deteriorado a verdade no sistema judicial. E nós, cujo “fingimento” perante nós mesmos passou a fazer parte de nossa natureza, o que nós diremos?

É preciso muita coragem para enfrentar esta questão: como podemos confiar em nossas mentes quando quisermos chegar a uma conclusão verdadeira sobre um assunto qualquer?

Não há alternativa. Temos que admitir que nosso cérebro é impotente para chegar a resoluções acer-

Uma Mishná Por Dia

Mais de 1400 áudios publicados

Por R. Daniel Faour

Uma Mishná Por Dia

Acesse o site ohelmoshe.com.br ou baixe o app Android

por R. Daniel Faour

Edmond Khafif e filhos

Parabentizam a Congregação Mekor Haim pela divulgação dos valores judaicos e desejam paz e saúde para todo Am Yisrael.

A confiabilidade dos anúncios desta publicação é de inteira responsabilidade dos anunciantes, não cabendo responsabilidade à diretoria da Congregação ou a seus associados.

NASCENTE

ANUNCIE AQUI!

Anunciando na **NASCENTE** seus conhecidos e amigos serão também seus clientes e você ainda estará colaborando para a divulgação dos valores judaicos!

tadas quanto a assuntos que envolvem julgamento moral. A visão da verdade está condicionada ao grau de pureza de um coração corrupto. E como a corrupção é causada pelos maus atributos de caráter, temos de lutar contra eles e colocar em seu lugar um desejo ardente pela verdade e pela integridade.

Anulando a corrupção

Como o homem pode chegar a este nível de perfeição?

Resposta: somente com um incessante aprimoramento de seus traços de caráter. Este é o único caminho: arrancar o mal – a corrupção – pela raiz. Somente com muitos anos de perseverança o homem pode esperar fortalecer sua aspiração pela verdade, a ponto de ter força suficiente para livrar-se de todo o tipo de ideias corruptas.

O *Talmud* (*Sotá* 21a) nos traz uma parábola interessantíssima para ilustrar esta ideia. Vamos chamá-la de: “Parábola da Experiência de Vida do Homem”:

“Um homem caminhava na calada de uma noite enevoada, com medo de esbarrar em espinhos e cair em buracos, com medo de animais selvagens e assaltantes, sem saber que caminho seguir. Encontrou uma tocha acesa que o salvou dos espinhos e dos buracos, mas ainda temia os animais selvagens e os assaltantes, sem saber por qual caminho prosseguir. Quando amanheceu, safou-se dos animais selvagens e dos assaltantes, mas ainda não sabia que caminho seguir. Quando chegou a uma encruzilhada, safou-se de todos eles”.

O *Talmud* explica que esta tocha representa o cumprimento das *mitsvot*. O amanhecer, ou o Sol, representa o estudo da *Torá*. Uma opinião diz que esta parábola se refere a um *talmid chacham* (sábio) que chegou a seu

último dia de vida. Somente ao deparar-se com a morte, o homem atinge a compreensão plena. Outra opinião diz tratar-se de um *talmid chacham* temente ao pecado. Mar Zutra explica que esta é a situação à qual chegará um *talmid chacham* que estuda *Torá* de acordo com a *Halachá*, até ela se tornar parte integral de seu ser, fazendo-o enxergar a verdade intuitivamente. Sua personalidade estará tão aperfeiçoada que seu coração se tornará puro. Então, e só então, seu entendimento será claro e seu julgamento confiável.

É a isto que chamamos de “trabalho do *mussar* (ética)”, que é, na realidade, o exercício da autodisciplina. Daí não ser possível chegar à verdade sem a ética. Compreender isto é a “raiz do *mussar*”.

Devemos então concluir que, se alguém não purificou o coração, não chegará a conclusões legítimas? Não exatamente. É certo que esta pessoa jamais estará segura de suas conclusões. Mas há uma maneira de verificar: Se aceitas uma ideia ou decisão tua sem questionamento, sem confrontos, desconfia dela e sonda teu coração para saber o que te motivou a concordar tão facilmente.

Se uma pessoa chegou a determinada conclusão com muita dificuldade, lutando consigo mesma para chegar ao conhecimento da verdade, depois de ter confrontado os pensamentos corruptos enraizados em seu espírito – é bem possível que tenha chegado à verdade.

“Em Busca da Verdade” está à venda na Livraria Sêfer (11 3826-1366) e é uma publicação da Editora e Livraria Sêfer em parceria com Or Israel College.

A publicação desta matéria na Nascente foi autorizada por escrito.



Frutas

As frutas constituem uma excelente alimentação para o ser humano. Contêm os principais componentes nutritivos para o equilíbrio do organismo, como vitaminas e açúcar natural. Além disso, são importantíssimas no processo de convalescença de diversas doenças.

É bom relembrar, entretanto, que sobre as frutas das árvores, Rambam (Maimônides) recomenda não comê-las em demasia.

O Rambam também aconselha comer os alimentos que soltam o intestino, como uva, figo, morango, pêra, melancia, abobrinha e pepino antes da refeição e não junto com ela, esperar um pouco, e só depois fazer a refeição propriamente dita. Os alimentos que prendem o intestino, como romãs e maçãs, devem ser ingeridos logo em seguida à refeição.

Para tirar o melhor proveito das frutas, deve-se ingeri-las maduras. Frutas verdes contêm ácidos em altas concentrações, maléficis à saúde. Laranjas não maduras, por exemplo, podem causar dores de estômago e fazer mal para os dentes. Uvas que ainda não amadureceram podem produzir infecções intestinais.

As frutas não devem ser refrigeradas antes do amadurecimento. Quando refrigeramos uma fruta ainda verde, seu amadurecimento natural é inibido pela destruição das enzimas. Ao tirar esta fruta da refrigeração, ela não amadurece mais, e sim, apodrece.

Outra recomendação é não comer frutas que já ultrapassaram a etapa de amadurecimento. Neste caso, elas começam a fermentar e o açúcar transforma-se em álcool.

Se você quiser que as frutas fiquem bem brilhantes, esfregue-as com um pano embebido em azeite de boa qualidade. Depois limpe com um pano enxuto. Este tratamento também fará com que elas durem mais tempo.

Para que as frutas conservem a sua cor depois de descascadas, borrife-as com suco de limão ou abacaxi.

Evite coar em peneira de alumínio o suco ou a polpa das frutas. O alumínio escurece o suco. Prefira peneiras de plástico.

Para afugentar aquelas mosquinhas das frutas, coloque por perto um prato com leite ou vinagre com pimenta.

Abacate I: O abacate brasileiro não precisa de verificação de tolaim (vermes, insetos).

Abacate II: Não deixe que o abacate cortado escureça. Para isso, basta polvilhar farinha de rosca na sua superfície.

Abacate III: Ao guardar um creme de abacate, ou até mesmo uma vitamina, evite que ele fique preto colocando o caroço do abacate junto com o creme.

Abacate IV: Para conservar o abacate depois de cortá-lo, também deixe o caroço na metade que não utilizará. Guarde dentro de um saco plástico ou papel alumínio. A polpa se conservará firme e sem escurecer.

Abacaxi I: Quanto à verificação de tolaim (vermes, insetos), observe se há vermes acinzentados na casca e retire manchas escuras ou partes moles da fruta. O abacaxi em lata não necessita verificação.

Abacaxi II: O abacaxi contém enzimas que aceleram o processo de digestão das proteínas e amenizam, em parte, os sintomas de doenças cardíacas e artrites. O abacaxi é também rico em minerais como o cálcio.

Abacaxi III: Para amadurecer um abacaxi mais rapidamente, enro-

le-o em duas ou três folhas de jornal e deixe num lugar de sombra.

Abóbora I: Quanto à verificação de tolaim (vermes, insetos), examiná-la apenas quando alguma parte estiver mole, retirando a parte afetada.

Abóbora II: Lave as sementes de abóbora e coloque-as num tabuleiro ao sol ou no forno para secar. Depois de bem secas, coloque numa frigideira e leve ao fogo para tostar. Depois polvilhe com sal. O interior das sementes é muito gostoso.

Amora: A amora brasileira é altamente infestada por tolaim (ácaros, tripes ou tisanópteros) entre os seus pequenos gomos. É recomendável não utilizá-la.

Banana I: A banana fresca brasileira não precisa de verificação quanto à presença de tolaim (vermes, insetos). A banana seca deve ser levemente investigada.

Banana II: A banana ajuda a controlar o equilíbrio dos líquidos no organismo e colabora com o equilíbrio da pressão sanguínea. Além disso, contém magnésio, importante à saúde do coração e dos ossos.

Banana III: Para as bananas não escurecerem na salada de frutas ou numa torta, mergulhe-as antes em suco de laranja ou limão.

Banana IV: Quando cozinhar bananas, acrescente um pedaço da casca na calda em que será cozida; sua sobremesa ficará muito mais bonita e rosada.

Carambola: A carambola brasileira não precisa de verificação de tolaim (vermes, insetos).

Caqui: Deve-se lavar bem a fruta depois de retirar a folha superior, pois embaixo dela pode haver tolaim (vermes, insetos). Se a fruta tiver muito madura, mole demais, é recomendável verificá-la por dentro quanto à presença de vermes.

Coco: O coco brasileiro não precisa de verificação de tolaim (vermes, insetos).

Framboesa: A framboesa brasileira é altamente infestada por tolaim (ácaros, tripes ou tisanópteros) entre os gomos. É recomendável não utilizá-la.

Fruta-do-conde: A casca deve ser muito bem examinada, pois pode apresentar minúsculos vermes de cor acinzentada, pequenas larvas ou mosquitinhos minúsculos. Deve-se verificar também a fruta por dentro quanto à presença de vermes brancos acinzentados.

Kiwi: O Kiwi não precisa de verificação de tolaim (vermes, insetos).

Atualize seu e-mail para receber os informativos da Congregação Mekor Haim



Envie uma mensagem para: revista_nascente@hotmail.com

Os produtos e estabelecimentos casher anunciados não são de responsabilidade da revista

NASCENTE

Cabe aos consumidores indagar sobre a supervisão rabínica



David Abadi e Família

Desejam muito sucesso material e espiritual para toda a kehilá.

Kiwi, manga e cítricos: São excelentes fontes de vitamina C, inibidora de doenças cardíacas e câncer. A vitamina C aumenta a resistência do organismo e estimula também a produção de colágeno, que é o constituinte mais importante dos tecidos conjuntivos.

Laranja I: Para facilitar a extração do suco das laranjas, coloque-as no microondas durante 3 a 4 segundos na potência máxima.

Laranja II: A casca da laranja seca ao sol ou no forno pode ser usada para dar um sabor especial a muitas comidas, por exemplo: chás, milk-shakes, suflês, omeletes.

Limão, laranja: As manchas redondas ou em forma de vírgula, que saem facilmente com a ponta da faca da casca, são certamente infestação de vermes. As manchas pretas ou marrons que não se desgrudam são defeitos naturais da fruta.

Limão I: Para facilitar a extração do suco do limão, antes de cortá-lo, fricção-o com as mãos.

Limão II: Para retirar o máximo do suco do limão, coloque-o num recipiente fechado, com água, na geladeira até a hora de usar.

Limão III: Quando for ralar limão, antes cubra o ralador com um filme plástico aderente, aperte bem

e rale o limão. O plástico não rasga, não suja o ralador e, ao retirá-lo, você aproveita toda a casquinha que sobrou.

Limão IV: Se você precisar apenas algumas gotas de limão, perfure uma ponta dele com um palito e esprema o quanto desejar. Volte a enfiar o palito no buraco para que fique tampado. Devolva o limão à geladeira e ele continuará fresco.

Maçã: As maçãs brasileiras raramente contêm tolaím (vermes, insetos). Retire as partes moles, manchas escuras ou furos. As maçãs com brilho devem ser verificadas quanto à origem do brilho ou descascadas.

Maçã, pêra e uva: São ótimas fontes de minerais que inibem a incidência de osteoporose.

Mamão: O mamão brasileiro não precisa de verificação de tolaím (vermes, insetos).

Manga: A manga brasileira não precisa de verificação de tolaím (vermes, insetos), mas é recomendável verificar se não possui pequenos vermes brancos ao cortá-la, principalmente quando está mais mole que o normal.

Manga, damasco, pêsego: As frutas de cor alaranjada em geral são uma boa fonte de beta-caroteno e vitamina A, inibidores de doenças

cardíacas, principalmente entre as mulheres.

Maracujá: O maracujá brasileiro não precisa de verificação de tolaím (vermes, insetos).

Melão I: Quando o melão não for doce e estiver aguado, não use açúcar, e sim pulverize a fatia cortada com uma pitadinha de sal.

Melão II: O melão fica gostoso quando regado ao suco de limão.

Melão III: Lave as sementes do melão e coloque-as num tabuleiro ao sol ou no forno para secar. Depois de bem secas, coloque numa frigideira e leve ao fogo para tostar. Depois polvilhe com sal. O interior das sementes é muito gostoso.

Pêssego: Os pêssegos amadurecem rápido se colocados numa caixa coberta com jornal.

Tâmara: Auxilia em casos de anemia, pressão baixa, problemas no estômago e distúrbios nervosos. É recomendada também para mulheres que amamentam. As tâmaras são ricas em carboidratos, em minerais como cálcio e ferro, em vitamina A e em tiamina.

Tomate: Ao ferver os tomates, vá tirando a espuma branca que se forma sobre a água. Você estará tirando a acidez e os venenos dos agrotóxicos. ■



Portal judaico brasileiro
NASCENTE

www.revistanascente.com.br

Aqui você encontra as últimas edições da sua revista Nascente e muito mais:

- Fotos e vídeos dos eventos da comunidade judaica
- Áudios e vídeos com ensinamentos do Rabino Isaac Dichi
- Aulas de Daf Hayomi com o Rabino Daniel Faour
- E muito mais!



O Farol

No ônibus que descia para a planície, o senhor Efráyim estava sentado no assento ao lado da janela. Ele olhava para fora sem muita atenção, tentando se concentrar.

R. Yochanan David Salomon

O senhor Efráyim fora convidado para dar uma palestra sobre assuntos judaicos para um público de observantes e não observantes das *mitsvot*, interessados em conhecer melhor o judaísmo. Dentro de uma hora e meia ele iniciaria sua conferência.

Já há uma semana que ele estava preparando o que falar em todos os seus detalhes: as fontes, os exemplos e as parábolas que utilizaria durante o discurso. Agora, no percurso da viagem, ele tentava resumir todas as ideias, dando uma última lapidada em suas palavras.

O ruído do motor e a paisagem ajudavam-no, normalmente, a se concentrar mais do que em casa. Porém, desta vez, algo o atrapalhava. Atrás dele estavam sentados dois senhores. Eles conversavam sobre negócios em voz alta – para que o barulho do motor não os atrapalhasse – tirando-lhe às vezes sua concentração. Um dos dois falava o tempo todo e outro consentia com um sim de vez em quando. O senhor Efráyim deu uma espiadela para trás, mas por serem os encostos muito altos, só conseguiu ver a testa e os cabelos grisalhos de quem esta-

va sentado atrás. Contra sua vontade, ele escutou a conversa que captou sua atenção. Aguçando os ouvidos ele escutou:

“Você precisa entender isso. É uma necessidade fatal. Sem ela você não tem condições de saber se teve êxito ou fracasso. Quando você senta ao final do mês ou do ano e tenta verificar se obteve sucesso, mesmo que todos os dados estejam à sua frente, você não chega a conclusão alguma se não tiver uma meta bem definida desde o início do negócio. Quando falo em negócio, refiro-me a qualquer realização humana. Desde a abertura de uma floricultura ou um escritório imobiliário até a administração de um país.

“Se, por exemplo, você lucrou 5.000 e se pergunta: ‘Será que isso foi um sucesso?’, a resposta dependerá desta meta predefinida. Se no começo do ano você determinou que seu objetivo seria faturar 200.000, os seus 5.000 foram um grande fracasso. Por outro lado, se no plano de metas estivesse anotado que o primeiro ano seria somente para entrar no mercado e apenas tentar não perder, então ganhar 5.000 é uma alta conquista.

Entendeu? Há casos que até mesmo prejuízos de milhões são considerados uma conquista – como, por exemplo, quando a finalidade era diminuir os prejuízos de dezenas de milhões obtidos em anos anteriores.

“Porém, isso não é tudo. O plano de metas não é planejado apenas como medidor de ganhos e perdas para o balanço do final do ano. Ele é imprescindível para orientar todas as ações – desde o começo do ano e durante todo o ano, dia após dia. Há um número sem limites de tipos de negócios. Uma loja de doces pode ser instalada para faturar o máximo possível. Porém, uma editora de livros públicos educacionais tem outra finalidade. Uma companhia de prospecção de petróleo e uma liga de proteção ao meio ambiente funcionam de uma maneira totalmente diferente, pois suas finalidades predeterminadas não são em nada semelhantes. Quem dirige uma dessas companhias precisa ter a conscientização constante de sua meta e, de acordo com isso, direcioná-la. O esquecimento da meta resulta num fracasso certo do negócio. Imagine um motorista que, ao dirigir, esquece seu destino. As probabilida-

✂

Para receber a revista NASCENTE gratuitamente em São Paulo, preencha esta ficha e envie para:
Rua São Vicente de Paulo, 276
CEP 01229-010
São Paulo – SP
ou pelo fax:
11 3660-0404



Sim, eu quero receber, gratuitamente a Revista NASCENTE em São Paulo

Nome: _____

Endereço: _____

São Paulo - SP

CEP: _____ Fones: _____

E-mail: _____

Instituição judaica que frequenta: _____

des de ele chegar no local predeterminado são próximas de zero!

“Pior que esquecer a meta é ‘não ter’ um plano de metas. Isso é a coisa mais difícil de se conceber. É difícil encontrar uma instituição que não tenha traçadas claramente suas metas. Alunos de cursos de administração ouvem de seus professores, que lojas, quitandas e sapatarias precisam definir suas metas, a quantia investida, o potencial de compradores, o giro do capital, da mercadoria, etc.

“Um supermercado – nada mais do que uma sofisticada quitanda – ocupa inúmeros técnicos em economia para estudar situações hipotéticas confrontadas com a meta predefinida. Hoje, com a profusão da informática, os computadores não param de informar em extensos relatórios todos os ganhos, vendas, saídas e entradas do dia. Pouco tempo depois de as lojas baixarem suas portas, o computador resume todas as vendas por setores. Quem analisa esses relatórios pode facilmente decidir qual departamento teve maior lucro e deve ser ampliado e qual deve ser extinto. Com certeza você já observou que na fita da máquina registradora do supermercado está identificada cada mercadoria e a que setor ela pertence. Isto possibilita ao computador um controle diário de acordo com as operações, e daí fazer as mudanças necessárias.”

O senhor Efráyim, que no início considerou o incidente com desagrado, agora prestava atenção com muito cuidado e tentava não perder nenhuma palavra da conversa. Nenhuma palestra sobre a definição da função do homem e seu objetivo podia ser tão bem sucedida como a clara abordagem de como dirigir um negócio. E por acaso o homem não é um negócio? Ele é o negócio dos negócios! O

negócio cujo responsável é cada um de nós. Será que existe alguém que não queira obter sucesso neste negócio, que é ele mesmo? Nenhum sucesso financeiro pode ter qualquer significado se a essência da vida de seu agente fracassa. A medição do sucesso e as devidas precauções não serão possíveis sem aquele plano de metas que define desde o início o que almejamos, o que pretendemos conseguir neste ano, neste mês, e até neste dia.

Todos os pensamentos do senhor Efráyim se desviaram da sua palestra para o assunto de definir metas.

“Será que eu tenho um plano de metas?”, pensou ele. “Sim e não. Não sentei no dia do meu *bar mitsvá* para redigir as minhas metas. Mas, pensando bem, a meta de cada judeu já está definida em tantos livros, começando pela *Torá*, até os livros de ética judaica. O problema é a nossa conscientização da existência deste plano de metas!

“Talvez o melhor seria eu ter em casa, em alguma gaveta, um envelope com uma folha escrita a próprio punho. Nesta folha eu escreveria qual a minha finalidade na vida e o que penso em atingir. Se eu fizesse isso, então com certeza, uma vez por ano – ou por mês – me sentaria com tranquilidade sozinho para julgar e pesar através de comparações o que consegui da minha meta. Possivelmente até arrumaria tempo para fazê-lo diariamente antes de dormir.

“Mas a pesquisa sobre o passado não seria a única coisa que eu lucraria com este envelope. Ele também teria uma grande importância como direcionador. Ajudaria-me a tomar decisões em momentos de divergências, salvar-me de dúvidas e apontar claramente para uma direção de progresso. Ele poderia servir como um farol para um ‘navio numa noite es-

cure de mar agitado’. Seria algo a organizar minha vida e tudo que realizo – ou deixo de realizar – desde um ato complexo até a coisa mais simples. Tudo seria confrontado com o plano de metas com uma objetividade fantástica.”

O senhor Efráyim tomou uma decisão: ele não discursaria mais sobre o tema que preparara durante a semana. Dissertaria sobre o “plano de metas”. Ele estava vivenciando o tema com toda a sua energia e poderia transmiti-lo ao público da melhor maneira possível.

O ônibus finalmente chegou à estação rodoviária e o senhor Efráyim ouviu como os dois senhores se despediram um do outro. O homem que falara todo o tempo desceu do ônibus e o senhor Efráyim o seguiu por alguns passos. Repentinamente, um impulso o fez se aproximar do estranho e, mesmo sem se apresentar, foi dizendo:

“Ouvi a aula que você deu ao seu colega sobre administração de negócios. Aprendi muito com você. Digame, por favor. Será que todas essas regras são válidas para a vida particular dos indivíduos? Pois a vida merece uma definição de metas – não menos que uma loja – você não acha?”

O homem parecia um pouco espantado. Ele coçou sua cabeça meio confuso e disse: “Realmente, você tem razão. Não tinha pensado nisso.”

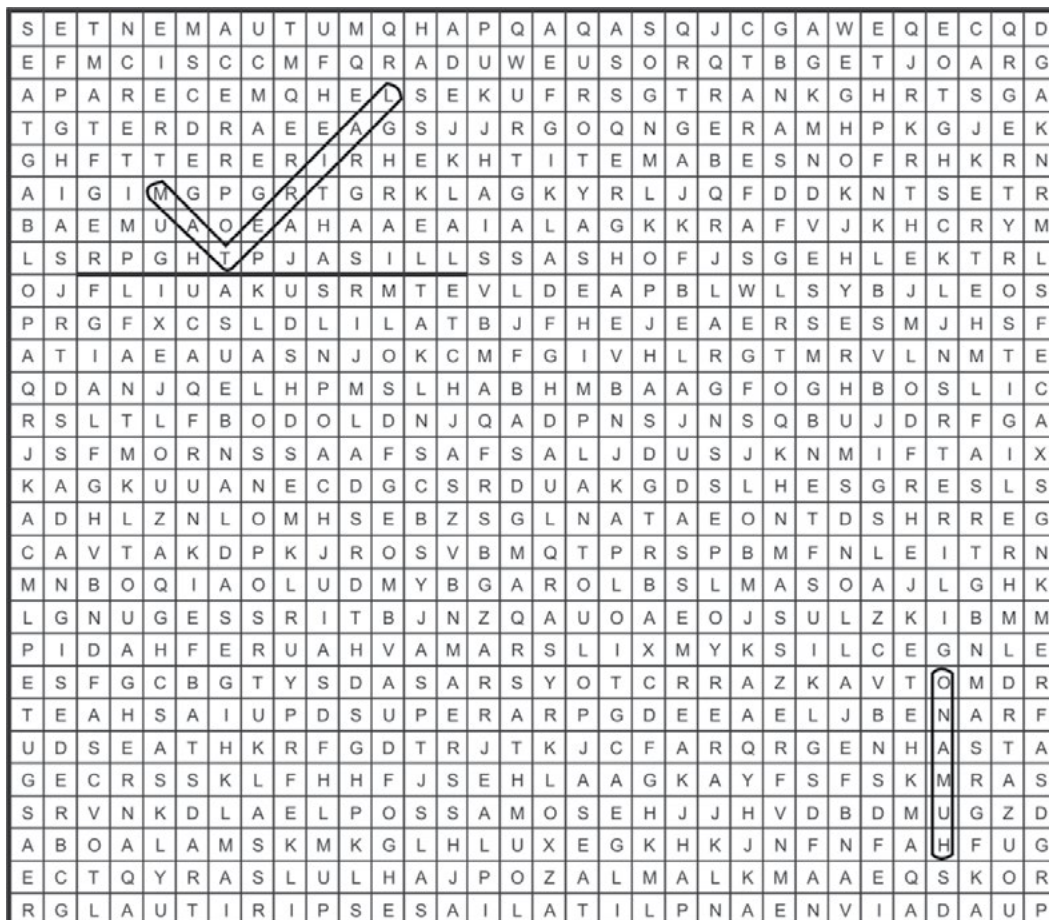
O senhor Efráyim aproveitou a chance e disse: “Eu estou indo me encontrar com um grupo de pessoas e lá trataremos deste tema. Você gostaria de se juntar a nós? Estou indo de táxi.

Enquanto com uma mão acenava para um táxi parar, colocou a outra mão sobre o ombro do senhor grisalho e disse: “Venha. Você poderá nos ajudar muito com seus conhecimentos.” ■

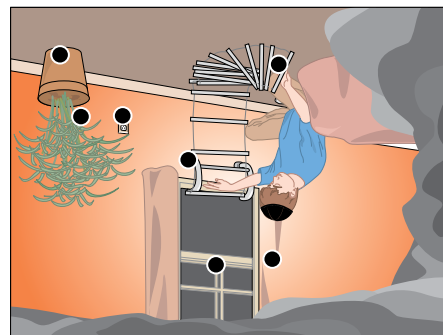
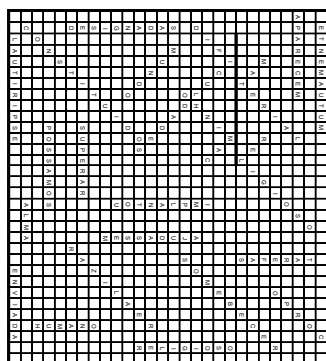
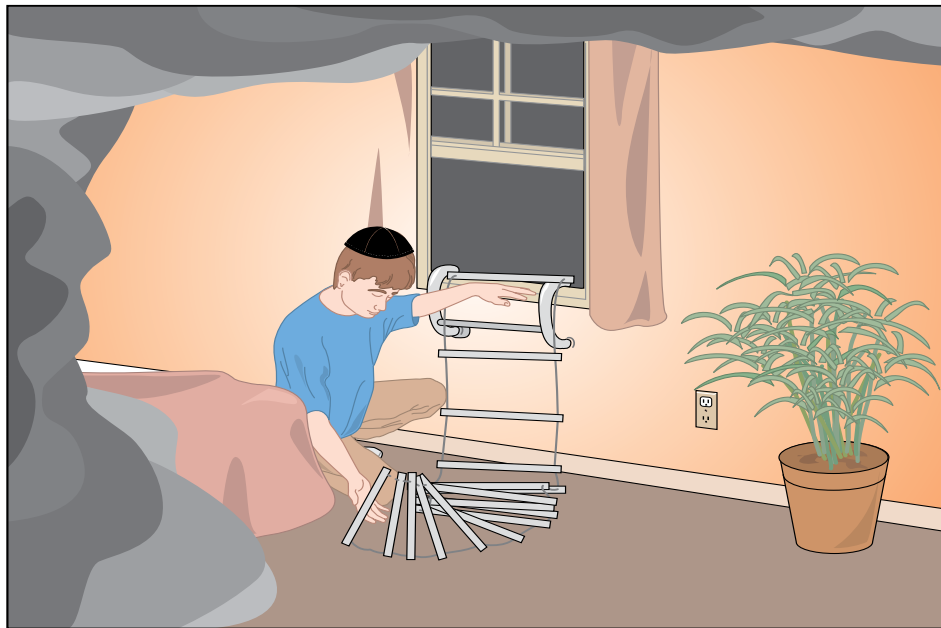
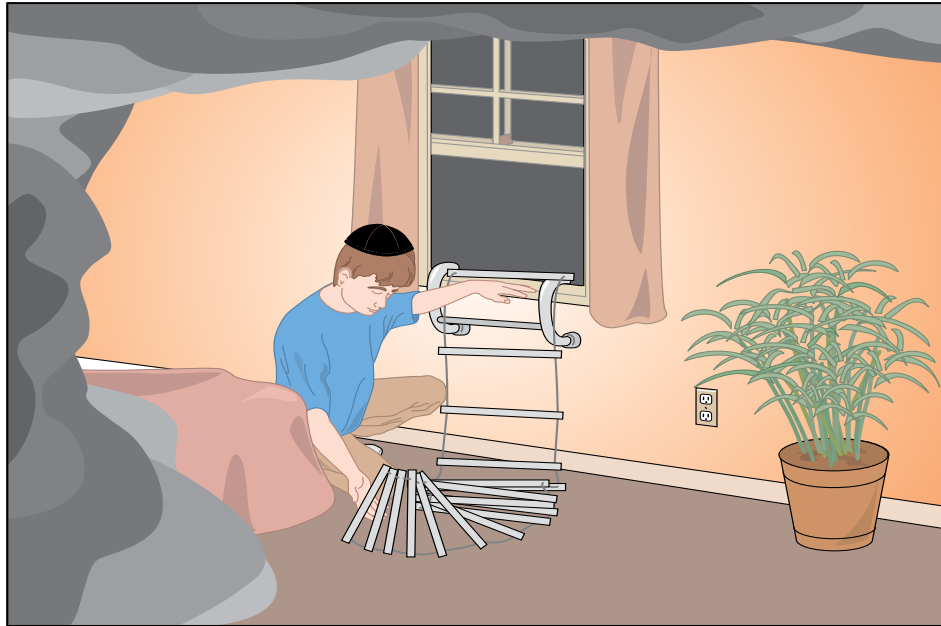
Pega Palavra

Encontre no diagrama as palavras destacadas em negrito no texto abaixo. As palavras se encontram em linhas retas em todas as direções: horizontal, vertical e diagonal, em ordem direta ou inversa. Na busca, as palavras não podem ultrapassar a barreira, mas podem rebater nela.

O ser **humano** é constituído de **corpo** e **alma**. O corpo é nossa parte **material** e a alma, a **espiritual**. O Todo-Poderoso **implantou** nossa alma em nosso corpo para que se **ajudassem mutuamente** a **realizar** as **tarefas designadas** à alma neste **mundo**. Tais tarefas constituem a razão para a alma ter sido **enviada** para este mundo, devendo esta **superar** todas as **dificuldades** que **aparecem** em nosso **caminho religioso**, para que quando for da vontade Divina tomá-la de volta, **possamos** devolvê-la pura como a **recebemos**.



7 JOGO DOS ERROS



ROSH CHÔDESH

Quarta-feira, 22 de julho.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Hallel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se a oração de Mussaf.

JEJUM - TISH'Á BEAV

Início: Quarta-feira, 29 de julho, às 17h43m.

Término: Quinta-feira, 30 de julho, às 18h13m.

Nove de Av é o aniversário de 5 trágicos acontecimentos da história judaica:

- D'us decretou que os homens com mais de 20 e menos de 60 anos de idade não entrariam na Terra Prometida. Isso foi consequência de terem pecado no episódio dos espiões enviados à Terra de Israel no final do primeiro ano no deserto, após o Êxodo do Egito. Em vez de entrarem na Terra de Israel depois de um ano no deserto, levariam 40 anos. Nestes quarenta anos no deserto, todos os homens com mais de 20 e menos de 60 anos na oportunidade do pecado morreriam. As mortes ocorreriam somente em um dia a cada ano – no dia 9 de av.
- Foram destruídos os dois Templos Sagrados.
O Primeiro Templo foi destruído pelos babilônios e o Segundo, pelos romanos.
- No ano de 134 da Era Comum, quando o Império Romano estava sob o domínio de Adriano, a grande cidade de Betar sucumbiu, último reduto de Bar Cochvá, e morreram dezenas de milhares de pessoas.
Esta tragédia foi considerada igual à destruição do Templo.
- Tornus Rufus, o Malvado, passou o arado no local e ao redor do Templo, cumprindo assim a profecia (Yirmeyáhu 26:18 e Michá 3:12): "Tsiyon será lavrada como um campo".

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):

Segunda-feira, 27 de julho, a partir das 18h12m
(horário para São Paulo).

Final: Terça-feira, 04 de agosto, às 02h32m
(horário para São Paulo).

TU BEAV

Quarta-feira, 5 de agosto.

Terça-feira, 4 de agosto, a partir das 18h15m

Elul ⁵⁷⁸⁰ | 21 de Agosto de 2020 a
18 de Setembro de 2020

ROSH CHÔDESH

Quinta e Sexta-feira, dias 20 e 21 de agosto.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Halel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se Mussaf.

SELICHOT - PRIMEIRO DIA

Sefaradim: Domingo, dia 23 de agosto.

Ashkenazim: domingo, 13 de setembro (no primeiro dia, costumam recitar selichot a partir de chatsot, o meio da noite de sábado)

BIRCAT HALEVANÁ

PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):

Terça-feira, 25 de agosto, a partir das 20h54m (horário para São Paulo).

Final: Quarta-feira, 2 de setembro, até as 06h17m (em São Paulo).

NASCENTE Faça seu site conosco!

Equipe especializada em desenvolvimento de sistemas web (CRM, ERP, CMS)
Criação de sites e portais personalizados

Fone: 11 3822-1416

revista_nascente@hotmail.com

HORÁRIO DE ACENDER AS VELAS DE SHABAT E YOM TOV EM SÃO PAULO

14 de agosto	-	17h29m	18 de setembro	-	17h41m
21 de agosto	-	17h32m	19 de setembro	-	a partir de 18h41m
28 de agosto	-	17h34m	25 de setembro	-	17h43m
04 de setembro	-	17h37m	02 de outubro	-	17h46m
11 de setembro	-	17h39m	09 de outubro	-	17h49m

PARASHAT HASHAVUA

15 de agosto	-	Parashat: Reê Haftará: Aniyá Soará Lô Nuchama
22 de agosto	-	Parashat: Shofetim Haftará: Anochi Anochi Hu Menachemchem
29 de agosto	-	Parashat: Ki Tetsê Haftará: Roni Acará
05 de setembro	-	Parashat: Ki Tavô Haftará: Cúmi Ôri
12 de setembro	-	Parashat: Nitsavim / Vayêlech Haftará: Sôs Assis Bashem
19 de setembro	-	Parashat: Vashem Pacad Et Sará (Rosh Hashaná) Haftará: Vayhi Ish Echad
26 de setembro	-	Parashat: Haazínu Haftará: Shuva Yisrael
03 de outubro	-	Parashat: Shor o Chessev (Sucot) Haftará: Hinê Yom Bá Lashem

HORÁRIO DAS TEFILOT

- Shachrit:** De segunda a sexta-feira - 20 min. antes do nascer do Sol (vatikin),
06h20m (Midrash Shelomô Khafif), 06h50m (Zechut Avot) e 07h15m (Ôhel Moshê).
Aos sábados - 08h15m (principal), 08h20m (Zechut Avot), 08h40m (infanto-juvenil) e 08h45m (ashkenazim).
Aos domingos e feriados - 20 min. antes do nascer do Sol, 07h30m e 08h30m.
- Minchá:** De domingo a quinta - 30 min. antes do pôr do sol.
- Arvit:** De domingo a quinta - 10 min. antes do pôr do sol.

MINCHÁ DE ÊREV SHABAT		MINCHÁ DE SHABAT	
14 de agosto	- 17h29m	15 de agosto	- 16h50m
21 de agosto	- 17h32m	22 de agosto	- 16h50m
28 de agosto	- 17h34m	29 de agosto	- 16h55m
04 de setembro	- 17h37m	05 de setembro	- 16h55m
11 de setembro	- 17h39m	12 de setembro	- 17h00m
18 de setembro	- 17h41m	19 de setembro	- 17h00m
25 de setembro	- 17h43m	26 de setembro	- 17h00m
02 de outubro	- 17h46m	03 de outubro	- 17h05m
09 de outubro	- 17h49m	10 de outubro	- 17h10m
16 de outubro	- 17h52m	17 de outubro	- 17h10m

TABELA DE HORÁRIOS

AV / ELUL 5780

São Paulo	Dia	Alot Hashá-char	Zeman Tefilin	Nets Hachamá (nasc. Sol)	Sof Zeman Keriat Shemá			Sof Zeman Amidá		Chatsot	Minchá Guedolá	Sof Zem. Mussaf		Péleg Haminchá		Shekiá (pôr-do-sol)
					de alot a tset	de alot a tset (72m)	do nets à shekiá	de alot a tset	do nets à shekiá			de alot a tset	do nets à shekiá	do nets à shekiá	de alot a tset	
Julho	22	5:36	5:56	6:46	8:43	8:55	9:30	9:46	10:24	12:13	12:43	12:53	13:08	16:32	16:47	17:40
	23	5:35	5:56	6:46	8:42	8:54	9:30	9:45	10:24	12:13	12:43	12:52	13:08	16:32	16:47	17:40
	24	5:35	5:56	6:46	8:42	8:54	9:30	9:45	10:24	12:13	12:43	12:52	13:08	16:32	16:47	17:40
	25	5:35	5:55	6:45	8:43	8:54	9:29	9:45	10:24	12:13	12:43	12:53	13:08	16:33	16:48	17:41
	26	5:34	5:55	6:45	8:42	8:54	9:29	9:45	10:24	12:13	12:43	12:53	13:08	16:33	16:48	17:41
	27	5:34	5:54	6:44	8:42	8:54	9:28	9:45	10:23	12:13	12:43	12:53	13:08	16:33	16:49	17:42
	28	5:34	5:54	6:44	8:42	8:54	9:28	9:45	10:23	12:13	12:43	12:53	13:08	16:33	16:49	17:42
	29	5:33	5:53	6:43	8:42	8:54	9:28	9:45	10:23	12:13	12:43	12:53	13:08	16:34	16:49	17:43
	30	5:33	5:53	6:43	8:42	8:54	9:28	9:45	10:23	12:13	12:43	12:53	13:08	16:34	16:49	17:43
	31	5:33	5:52	6:42	8:42	8:54	9:27	9:45	10:22	12:12	12:42	12:53	13:08	16:34	16:49	17:43
	Agosto	1	5:32	5:52	6:42	8:41	8:53	9:28	9:44	10:23	12:13	12:43	12:54	13:08	16:35	16:50
2		5:32	5:51	6:41	8:41	8:53	9:27	9:44	10:22	12:12	12:42	12:54	13:08	16:35	16:50	17:44
3		5:31	5:51	6:41	8:41	8:52	9:27	9:44	10:22	12:13	12:43	12:54	13:08	16:36	16:51	17:45
4		5:31	5:50	6:40	8:41	8:52	9:26	9:44	10:22	12:12	12:42	12:54	13:08	16:36	16:51	17:45
5		5:30	5:50	6:40	8:40	8:52	9:26	9:44	10:22	12:13	12:43	12:54	13:08	16:37	16:52	17:46
6		5:30	5:49	6:39	8:40	8:52	9:26	9:44	10:21	12:12	12:42	12:54	13:08	16:37	16:52	17:46
7		5:29	5:48	6:38	8:40	8:51	9:25	9:43	10:21	12:12	12:42	12:54	13:08	16:36	16:52	17:46
8		5:29	5:48	6:38	8:40	8:52	9:25	9:43	10:21	12:12	12:42	12:54	13:08	16:37	16:53	17:47
9		5:28	5:47	6:37	8:39	8:51	9:24	9:43	10:20	12:12	12:42	12:54	13:08	16:37	16:52	17:47
10		5:27	5:46	6:36	8:38	8:50	9:24	9:42	10:20	12:12	12:42	12:54	13:08	16:38	16:53	17:48
11		5:27	5:46	6:36	8:38	8:50	9:24	9:42	10:20	12:12	12:42	12:54	13:08	16:38	16:53	17:48
12		5:26	5:45	6:35	8:38	8:50	9:23	9:42	10:19	12:12	12:42	12:53	13:08	16:38	16:53	17:48
13		5:25	5:44	6:34	8:37	8:49	9:23	9:41	10:19	12:12	12:42	12:54	13:08	16:39	16:54	17:49
14		5:25	5:43	6:33	8:37	8:49	9:22	9:41	10:18	12:11	12:41	12:54	13:07	16:39	16:54	17:49
15		5:24	5:43	6:33	8:37	8:48	9:22	9:41	10:19	12:12	12:42	12:54	13:08	16:39	16:55	17:50
16		5:23	5:42	6:32	8:36	8:48	9:22	9:40	10:18	12:11	12:41	12:53	13:08	16:39	16:55	17:50
17		5:23	5:41	6:31	8:36	8:48	9:21	9:40	10:17	12:10	12:40	12:53	13:07	16:39	16:55	17:50
18		5:22	5:40	6:30	8:36	8:47	9:20	9:40	10:17	12:10	12:40	12:54	13:07	16:40	16:55	17:51
19		5:21	5:39	6:29	8:35	8:46	9:20	9:39	10:16	12:10	12:40	12:53	13:07	16:40	16:55	17:51
20		5:20	5:39	6:29	8:34	8:46	9:20	9:39	10:16	12:10	12:40	12:53	13:07	16:40	16:55	17:51
21		5:20	5:38	6:28	8:34	8:46	9:19	9:39	10:16	12:10	12:40	12:53	13:07	16:41	16:56	17:52
22	5:19	5:37	6:27	8:34	8:45	9:18	9:38	10:15	12:10	12:40	12:53	13:07	16:41	16:56	17:52	
23	5:18	5:36	6:26	8:33	8:45	9:18	9:38	10:15	12:10	12:40	12:53	13:07	16:41	16:57	17:53	
24	5:17	5:35	6:25	8:32	8:44	9:17	9:37	10:14	12:09	12:39	12:53	13:06	16:41	16:57	17:53	
25	5:16	5:34	6:24	8:32	8:43	9:16	9:37	10:14	12:08	12:38	12:52	13:06	16:41	16:57	17:53	
26	5:15	5:33	6:23	8:31	8:43	9:16	9:36	10:13	12:08	12:38	12:52	13:06	16:42	16:57	17:54	
27	5:15	5:33	6:23	8:31	8:43	9:16	9:36	10:13	12:08	12:38	12:52	13:06	16:42	16:57	17:54	
28	5:14	5:32	6:22	8:30	8:42	9:15	9:36	10:13	12:08	12:38	12:52	13:06	16:42	16:57	17:54	
29	5:13	5:31	6:21	8:30	8:42	9:14	9:35	10:12	12:08	12:38	12:52	13:06	16:43	16:58	17:55	
30	5:12	5:30	6:20	8:29	8:41	9:14	9:35	10:12	12:08	12:38	12:52	13:05	16:43	16:58	17:55	
31	5:11	5:29	6:19	8:28	8:40	9:13	9:34	10:11	12:07	12:37	12:51	13:05	16:42	16:58	17:55	
Setembro	1	5:10	5:28	6:18	8:28	8:40	9:12	9:34	10:11	12:07	12:37	12:51	13:05	16:43	16:59	17:56
	2	5:09	5:27	6:17	8:27	8:39	9:12	9:33	10:10	12:06	12:36	12:51	13:05	16:43	16:58	17:56
	3	5:08	5:26	6:16	8:26	8:38	9:11	9:32	10:09	12:06	12:36	12:51	13:04	16:43	16:58	17:56
	4	5:07	5:25	6:15	8:26	8:38	9:10	9:32	10:09	12:06	12:36	12:51	13:04	16:44	16:59	17:57
	5	5:06	5:24	6:14	8:25	8:37	9:10	9:31	10:08	12:06	12:36	12:50	13:04	16:44	16:59	17:57
	6	5:05	5:23	6:13	8:24	8:36	9:09	9:31	10:08	12:05	12:35	12:50	13:04	16:44	16:59	17:57
	7	5:04	5:22	6:12	8:24	8:36	9:08	9:30	10:07	12:05	12:35	12:50	13:04	16:44	17:00	17:58
	8	5:03	5:21	6:11	8:23	8:35	9:08	9:30	10:07	12:04	12:34	12:50	13:03	16:44	17:00	17:58
	9	5:02	5:20	6:10	8:22	8:34	9:07	9:29	10:06	12:04	12:34	12:49	13:03	16:44	17:00	17:58
	10	5:01	5:19	6:09	8:22	8:34	9:06	9:29	10:06	12:04	12:34	12:49	13:03	16:45	17:00	17:59
	11	5:00	5:18	6:08	8:21	8:33	9:06	9:28	10:05	12:04	12:34	12:49	13:03	16:45	17:00	17:59
	12	4:59	5:17	6:07	8:20	8:32	9:05	9:27	10:04	12:03	12:33	12:49	13:02	16:45	17:00	17:59
	13	4:58	5:16	6:06	8:20	8:31	9:04	9:27	10:04	12:02	12:32	12:48	13:02	16:45	17:00	17:59
	14	4:57	5:15	6:05	8:19	8:31	9:04	9:26	10:03	12:02	12:32	12:48	13:02	16:46	17:01	18:00
	15	4:56	5:14	6:04	8:18	8:30	9:03	9:26	10:03	12:02	12:32	12:48	13:02	16:45	17:01	18:00
	16	4:55	5:13	6:03	8:18	8:29	9:02	9:25	10:02	12:02	12:32	12:48	13:01	16:45	17:01	18:00
	17	4:54	5:12	6:02	8:17	8:29	9:02	9:25	10:02	12:02	12:32	12:48	13:01	16:46	17:01	18:01
	18	4:53	5:11	6:01	8:16	8:28	9:01	9:24	10:01	12:01	12:31	12:47	13:01	16:46	17:01	18:01



"Heroísmo"

CHAYIM WALDER

Meu nome é Dani.

Estudo na terceira série.

Não sou um garoto saudável. Desde que nasci, tenho uma grave doença que prejudica meu desenvolvimento físico.

Não posso comer nem beber tudo o que desejo. Minha dieta é limitada.

Tenho dificuldade em andar. Mas não é só isso. De forma geral, também sou vagaroso em todos os movimentos. Todas as ações que vocês realizam com facilidade – para mim são muito difíceis.

Na primeira série, quando entendi que eu era diferente dos outros, fiquei amargurado: Por que eu não era como todas as outras crianças? Com o tempo, porém, aprendi a resignar-me à realidade e entendi que D'us tem as Suas próprias contas. Ele tem Seus motivos para tudo. Mesmo que às vezes não os entendemos.

De qualquer forma, tenho tantas coisas sobre as quais agradecer a D'us! Por exemplo,

que minha mente não foi afetada. Graças a D'us, entendo tudo o que me ensinam na classe e sei responder a todas as perguntas que nos fazem.

É verdade, tenho dificuldade para escrever. Eu já lhes disse que sou vagaroso, não? Mas eu sento nos recreios ou depois das aulas, durante longas horas, e escrevo devagarinho, uma letra e mais uma, até terminar todas as lições.

O professor me disse que não tenho obrigação de preparar todas as lições. Mas eu quero provar a ele, e a mim mesmo, que eu consigo.

Às vezes, vejo crianças que tentam esquivar-se de preparar lições, e eu definitivamente não as entendo... Afinal, agradeço tanto a D'us por ter a possibilidade de saber as respostas e escrevê-las, mesmo sendo difícil para mim – como estas outras crianças recusam o presente que D'us lhes deu!

Se eu quiser, posso sair quando quiser da classe. Sabem por quê? No começo do ano, ouvi o diretor dizer ao meu professor:

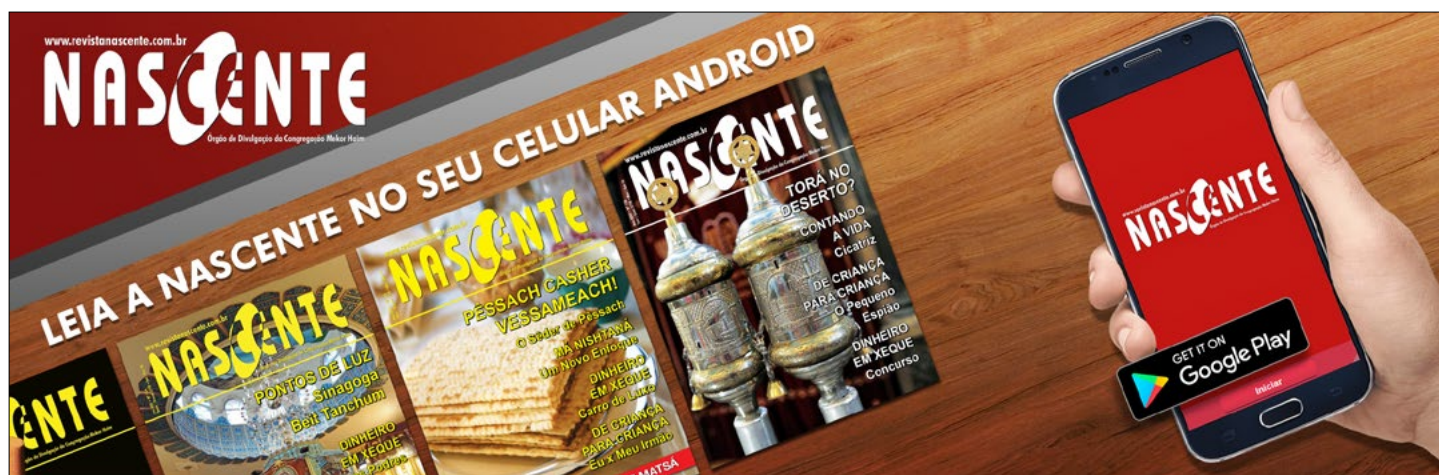
– Você deve deixar o Dani sair quando quiser. Ele tem um problema.

No começo, pensei: “Que legal! Posso sair a hora que quiser!”. Mas depois pensei que, se eu ficar saindo muitas vezes, só prejudicarei a mim mesmo, pois perderei matéria e não ficarei sabendo o que foi estudado. Por isso, só saio quando realmente preciso.

Parece-me que as crianças à minha volta não agradecem o suficiente a D'us por tê-las feito sãs e saudáveis. Se elas soubessem quão difícil é para mim, elas usariam seus corpos somente para fazer o bem.

Como estamos falando de crianças, gostaria de contar a vocês sobre as crianças da minha classe. Elas são simplesmente maravilhosas! Tratam-me de forma tão bonita, ajudam-me sempre que podem. Tratam-me como se eu fosse completamente normal, como qualquer outra pessoa.

Nunca aconteceu de alguém me ofender por causa de meu problema. Pelo contrário: quando ando pela rua com amigos e algum estranho goza de mim, eles imediatamente fazem



com que a criança se desculpe e peça meu perdão. Eles realmente são muito bons comigo.

Certa vez, o professor me deu licença para sair com mais um garoto para beber água. Quando estávamos voltando, fiz ele parar no corredor e pedi-lhe que apostássemos uma corrida.

O garoto concordou. Conteí até três e corri com todas as minhas forças em direção à classe. Vocês podem imaginar que, quando eu corro "com todas as minhas forças", é igual quando vocês andam devagar. O garoto "correu" e acabou chegando três segundos depois de mim.

- Ganhei! - exclamei a ele com alegria.

E ele respondeu:

- Verdade! Você realmente venceu, Dani!

Contei a toda a classe sobre minha vitória, e ele confirmou a história.

Depois disso, quando me acalmei, entendi que o garoto conseguia correr muito mais rápido do que eu; mas ele diminuiu a velocidade de propósito, só para eu ganhar. Fiquei muito emocionado. Eu sei como é difícil para um garoto perder. E ele ainda perdeu de propósito, só para fazer com que eu me sentisse bem.

No recreio, aproximei-me dele e abracei-o com meus dois pequenos braços. Ele fingiu que nem entendeu o porquê, mas deu-me uns tapinhas amistosos nas costas sorrindo.

Tomara que vocês, crianças, saibam ser boas como os garotos de minha classe!

Tradução de Guila Koschland Wajnryt

Permissões exclusivas para a NASCENTE

Chayim Walder em "Yeladim Messaperim al Atsmam",

baseado em cartas recebidas de crianças.

Portal judaico brasileiro

NASCENTE

www.revistanascente.com.br

Aqui você encontra as últimas edições da sua revista Nascente e muito mais:

Fotos e vídeos dos eventos da comunidade judaica

Áudios e vídeos com ensinamentos do Rabino Isaac Dichi

Aulas de Daf Hayomi com o Rabino Daniel Faour

E muito mais!



Leiluy Nishmat

Moshê ben Shefia z"l

Nissim ben Emilie z"l

Raffaele ben Salha Picciotto z"l

Siahou Haim Dayan ben Adel z"l

Ester bat Sofi Shafia z"l

Ester Ides bat Israel Chaim z"l

Renée Khafif bat Emily z"l

Shlime bat Feigue z"l

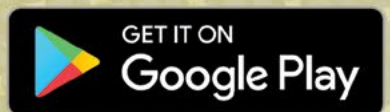


APPS ANDROID

Aplicativos para celular desenvolvidos pela equipe Ôhel Moshê



Acesse a Play Store e baixe os apps gratuitamente!



As Famílias Douer e Cohab
desejam saúde e alegria para toda a comunidade!



Bank Cainvest

www.cainvest.com